



## O futuro é agora

Mesmo à margem do mercado editorial, das feiras e prêmios literários, a ficção científica brasileira vive um momento de expansão, com novos autores e publicações



Daniel Ramalho



**S**e a literatura já representa um gue-to dentro do cenário cultural, o que dizer de um subgênero como a ficção científica? Ainda que pouco valorizada pela imprensa, prêmios e feiras literárias, a FC brasileira vive um momento de profusão. É isso que mostra o ensaio do escritor Luiz Bras, que é destaque desta edição.

O título do texto, “Irmandade marginal”, já revela o lugar que os escritores contemporâneos de prosa futurista ocupam na cena literária brasileira. Mas também diz muito sobre como esses autores unem forças para resistir e viabilizar sua produção.

Bras, um incansável divulgador do gênero no Brasil, cita em seu texto os grandes precursores da FC nacional e faz uma linha evolutiva do gênero até chegar à era digital. “Na história literária brasileira, nossa ficção fantástica e nossa ficção sobrenatural conquistaram prestígio

institucional e reconhecimento público graças a Murilo Rubião, José J. Veiga, Álvares de Azevedo, Mário de Andrade, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles, Erico Verissimo, Lygia Bojunga e Jorge Miguel Marinho, entre outros”, escreve Bras.

“Nossa ficção científica, no entanto, continua praticamente invisível, apesar do gigantesco número de contistas e romancistas talentosos que se dedicaram e se dedicam ao gênero”, conclui.

Bras também lista os principais subgêneros da FC e escolhe seis livros essenciais para quem quer imergir no inesgotável universo da ficção futurista.

A edição 81 do **Cândido** também publica a sexta entrevista da série “Os editores”. Maria Amélia Mello (foto), que foi editora de Ferreira Gullar e Campos de Carvalho, entre outros autores que marcam a literatura contemporânea no Brasil, comenta sua trajetó-

ria no mercado editorial, percurso focado na preservação da memória e nos autores nacionais. “Acho curioso porque é uma profissão que todo mundo associa ao glamour, à festa e ninguém sabe o trabalho que dá”.

Em um ensaio, a jornalista e escritora Marleth Silva fala sobre o percurso tortuoso — pessoal e editorial — da contista americana Lucia Berlin. Com uma prosa altamente singular, ela só teve visibilidade após a morte, em 2004.

Na seção de inéditos, o **Cândido** publica três contos de autores da ficção científica brasileira contemporânea: Santiago Santos, Lúcio Manfredi e Giovanna Picillo. A edição também traz poemas de Maria Dolores Wanderley, Julia Raiz e Pedro Gonzaga, além de um fragmento da HQ *Síncopa*, da artista Aline Zouvi.

Boa leitura.

## EXPEDIENTE

**Cândido** é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa  
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira  
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

**Coordenação Editorial:**

Rogério Pereira e Luiz Rebinski.

**Redação:**

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

**Estagiário:**

João Lucas Dusi.

**Diagramação:**

Thapcom

**Colaboradores desta edição:**

Aline Zouvi, Daniel Ramalho, Felipe Rodrigues, Giovanna Picillo, Julia Raiz, Lúcio Manfredi, Luiz Bras, Maria Dolores Wanderley, Marleth Silva, Pedro Gonzaga, Samuel Casal e Santiago Santos.

**Redação:**

imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

**Acompanhe o Cândido pela internet:**

candido.bpp.pr.gov.br e facebook.com/jornalcandido/

O site [www.bpp.pr.gov.br](http://www.bpp.pr.gov.br) e as redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) divulgam informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

**BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ**

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR  
Horário de funcionamento:  
segunda a sexta: 8h30 às 20h  
Sábado: 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

## CÂNDIDO *indica*

### OBSERVATÓRIO DO CAOS

Ronaldo Cagiano,  
Patuá, 2016

Em sua produção mais praticada, a prosa, Ronaldo Cagiano recria um tempo passado em Cataguases, cidade mineira onde nasceu. O autor apresenta o mundo como território inimigo — e o mesmo imaginário aparece nos poemas de *Observatório do caos*. A morte é onipresente neste livro. Em “Dias de finados”, o poeta escreve:

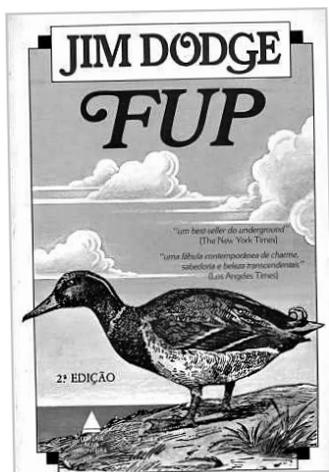
“Ontem foi dia dos mortos,/ eles que vivem em nós”. O assunto reaparece em “Tempus fugit”: “A morte vem de longe,/ boca aberta/ dentes afiados/ berrando sua/ fúria canina”. Já em “Memento mori”, a voz poética assinala: “A vida/ ávida ave/ voou”. O balanço da trajetória humana é, enfim, apresentado em “Fratura existencial” melancolicamente: “Na contabilidade das perdas/ o que me cabe nessa fatura de vida/ senão a fratura existencial?”.



### FUP

Jim Dodge, Nova  
Fronteira, 1984

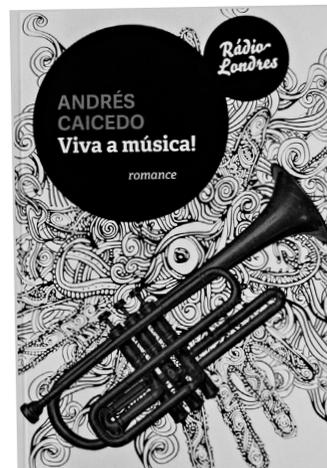
Em duas páginas: duas mortes e um bebê órfão — Jonathan Adler Makhurst II, que dali uns anos teria 1,92m, 135kg e o apelido de Miúdo. O órfão é criado pelo beberrão e desbocado vovô Jake, senhor de 99 anos viciado em apostas altas e jogos de cartas, que recebera de um índio moribundo a receita do Velho Sussurro da Morte, um uísque que promete a imortalidade. O cotidiano da família se altera quando Miúdo encontra a pequena pata Fup, ou um “pato fodi-do”, segundo vovô Jake, e a traz para viver na casa que neto e avô compartilham ao norte do rio Russian, no litoral californiano. A partir desse núcleo dramático reduzido, o norte-americano Jim Dodge, autor deste que é considerado “um *best-seller* do *underground*”, cria uma narrativa econômica, de 94 páginas, com clareza, sensibilidade e humor.



### VIVA A MÚSICA!

Andrés Caicedo,  
Rádio Londres, 2015

A “loira, loiríssima” María del Carmen Huerta é quem narra essa crônica alucinada, embalada por todo quanto é tipo de droga e músicas latinas. O olhar da narradora-protagonista de 16 anos capta o cotidiano autodestrutivo de jovens de classe média, numa história ambientada na cidade Santiago de Cáli, na Colômbia. E não há bons motivos para existirem de outra maneira, afinal, como sugere María, “ninguém quer saber de crianças envelhecidas”. É com lirismo e agilidade que o colombiano Andrés Caicedo narra essa empreitada frenética, ele próprio tendo vivido uma existência fugaz e intensa: suicidou-se aos 25 anos, no mesmo dia em que recebeu um exemplar deste *Viva a música!*.



### SEM PLUMAS

Woody Allen,  
L&PM, 2008

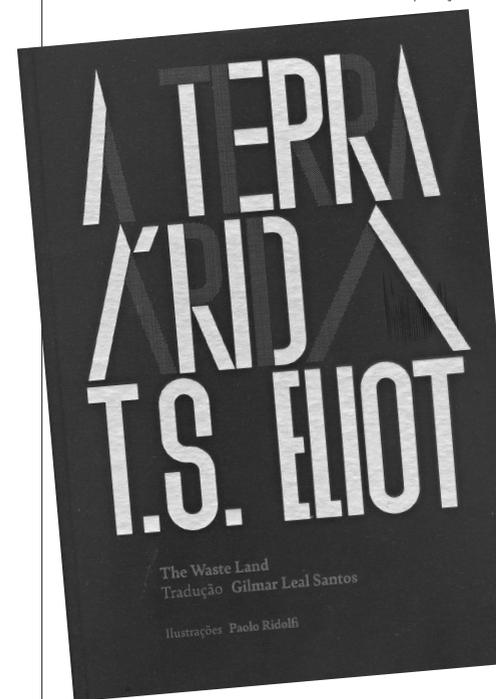
Este livro de 1975, publicado antes de o cineasta e escritor norte-americano Woody Allen estourar com o sucesso do filme *Noivo neurótico, noiva nervosa* (1977), traz 18 escritos que já apontavam obsessões do autor, as mesmas que seriam recorrentes em sua filmografia e demais obras literárias — desesperança, suicídio, ateísmo, neurose. Entre peças de teatro, ensaios e contos, ele vai do banal ao *nonsense*, usando seu característico humor depreciativo e politicamente incorreto para explorar vários temas de forma inventiva — religião, relacionamentos, literatura, entre outras questões.



## CURTA DA BPP

### T.S. Eliot em nova tradução

Reprodução



O paranaense Gilmar Leal Santos verteu para o português *The waste land* (1922), do poeta T.S. Eliot (1888-1965) — obra já traduzida por nomes como Paulo Mendes Campos, Ivan Junqueira, entre outros. Com o título *A terra árida*, em edição bilíngue, o livro ainda traz um estudo crítico do poema e notas sobre a tradução, além de uma introdução do poeta Ademir Demarchi e ilustrações do artista plástico Paolo Ridolfi. Norte-americano que se radicou na Inglaterra, T.S. Eliot apresenta neste livro “a ideia de uma terra destruída, doente, e, num nível simbólico, o declínio filosófico e cultural do mundo ocidental no início do século XX”, conforme explica o tradutor.

# Pedreira todos os dias

Na sexta entrevista da série “Os Editores”, **Maria Amélia Mello** comenta sua trajetória no mercado editorial, percurso focado na preservação da memória e na literatura brasileira, principalmente a do século XX

MARCIO RENATO DOS SANTOS

**E**la foi a editora do Ferreira Gullar. Também editou Campos de Carvalho, entre outros autores que marcam a literatura contemporânea no Brasil. Esteve por 30 anos na José Olympio, definida por alguns, não como casa editorial, mas um monopólio — pelo fato de a empresa ter proporcionado visibilidade a praticamente toda literatura moderna brasileira. Desde 2015 na Autêntica, Maria Amélia Mello segue trabalhando com a memória, área em que se especializou, “que eu trato com mãos de jardineiro”.

Na entrevista que concedeu para a série “Os Editores”, na Livraria da Travessa do Shopping Leblon, no Rio de Janeiro, Maria Amélia repassou alguns momentos de sua trajetória. O primeiro passo rumo a uma carreira de editora aconteceu na redação do jornal carioca *Tribuna da Imprensa*, onde editou, de 1973 a 1980, o “Suplemento Literário”: “Foi não apenas minha primeira experiência profissional, mas também uma oportunidade de trabalhar com jornalismo e literatura”.

A editora que elabora livros a partir de textos, documentação e registros históricos diz que aprendeu com sua mãe, Helena, o valor de guardar e, principalmente, preservar conteúdos para as futuras gerações: “A minha mãe sempre dizia que tudo tinha que ter data, mês e ano. Todas as fotografias que tenho em casa, e guardo muitas fotos, possuem um adesivo, no verso, com data, local e nome das pessoas. Isso faz parte da minha formação”.

Amiga de Rubem Fonseca, recebeu justamente do escritor um convite para trabalhar, entre 1980 a 1985, como coordenadora em um projeto de preservação da memória, o Centro de Cultura Alternativa, da Fundação Rio. Maria Amélia lembra o episódio, anuncia que vai publicar dois livros em 2019, um de contos e um infantil, e, entre outros assuntos, comenta que atualmente ministra cursos para jovens interessados em editar livros: “Acho curioso porque é uma profissão que todo mundo associa ao glamour, à festa e ninguém sabe o trabalho que dá”.

De acordo com ela, a rotina de editor “é pedreira todos os dias”.

**Eventualmente, editaria livros de *youtubers*?**

Na José Olympio, cheguei a elaborar em uma coleção de jovens. Inclusive, encontrei um parceiro para o projeto. Fariamos 12 livros, de 12 autores, mas a ideia não vingou. Seria interessante olhar para as novas gerações, mas já tem gente que cuida do presente. Me especializei numa área, a memória, que eu trato com mãos de jardineiro.

**Você gosta de trabalhar com bons textos literários?**

Sim, com certeza.

**Qual é o público para quem você edita livros?**

Leitores bem informados, do mundo acadêmico, estudiosos e escritores.

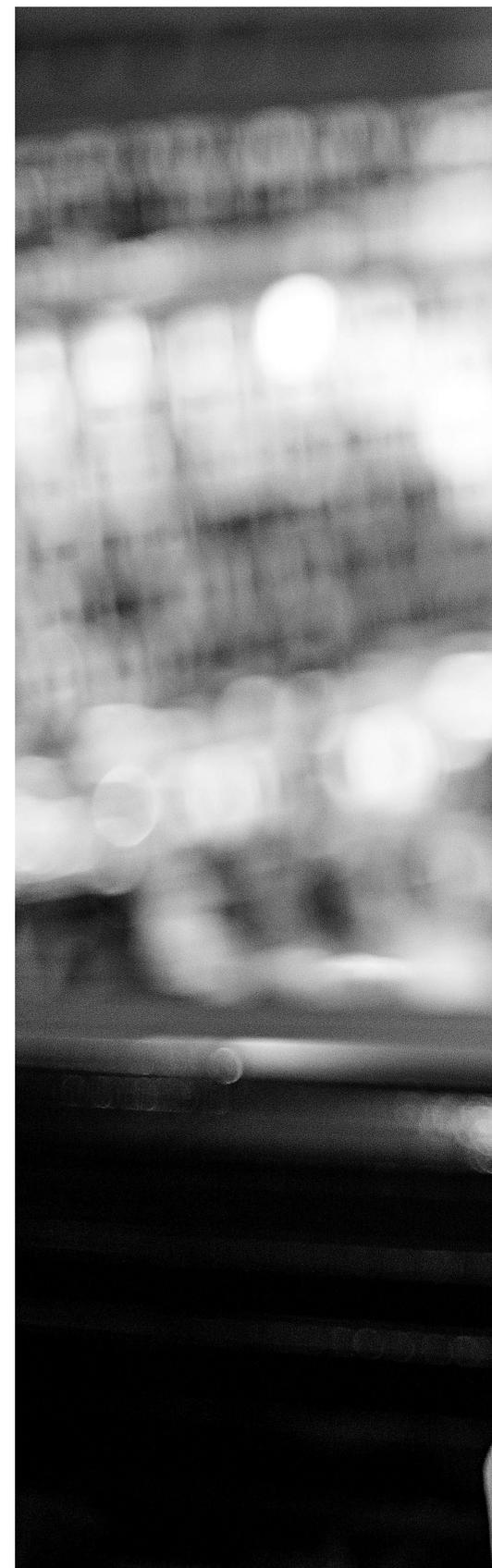
**Então, existe mais ou menos um perfil definido do seu público?**

Sim, mas o importante é sempre ampliar esse público.

**Seja na José Olympio, e agora na Autêntica, existe pressão pelo resultado de vendas?**

Sempre tem.

Fotos: Daniel Ramalho





### Como você administra essa pressão?

Sempre tem essa, não vou dizer cobrança, mas uma tensão no que diz respeito às vendas. Afinal, uma editora é uma empresa, seja a José Olympio, a Autêntica ou qualquer outra casa editorial. Uma editora é uma empresa e o empreendimento tem que dar lucro, há contas a serem quitadas. Só que não é possível comparar autores que estão sendo lançados agora com autores que editei e edito, como Ferreira Gullar, Campos de Carvalho, Torquato Neto e Rubem Braga, entre outros. Os novos autores possuem o apelo da novidade, o que seduz a mídia e pode se transformar em sucesso editorial. Vender livro, inclusive, é ótimo e não está fora dos meus planos. Mas os livros que edito são diferentes.

### Por quê?

Eles vão permanecer. Veja só. Há diferença entre um livro que faz sucesso hoje, e depois desaparece, e, por exemplo, a *Caixa Rubem Braga*, que editei na Autêntica e conquistou o terceiro lugar do Prêmio Jabuti 2017 na categoria Contos e Crônicas. A *Caixa Rubem Braga* permanece. Afinal, é uma obra que reúne cerca de 100 crônicas do autor, até então inéditas em livro, sobre artes plásticas, política e música, além de textos de Aldir Blanc, Miguel Sanches Neto e Milton Hatoum. Ao editar a *Caixa Rubem Braga*, estou criando catálogo dentro de uma empresa, a Autêntica, que busca registrar a memória e ter grandes autores vinculados a seu nome. A *Caixa Rubem Braga* vende, tudo bem que é para um público mais restrito, mas tem saída.

**Você é uma editora ligada à memória. Isso foi uma escolha ou é obra do acaso?**

>>>



## OS EDITORES | MARIA AMÉLIA MELLO

Em primeiro lugar, a memória, quer dizer, a História, a tradição e a preservação é algo que aprendi desde criança. A minha mãe, que se chamava Helena, sempre dizia que tudo tinha que ter data, mês e ano. Todas as fotografias que tenho em casa, e guardo muitas fotos, possuem um adesivo, no verso, com data, local e nome das pessoas. Isso faz parte da minha formação. As coisas devem ser guardadas e preservadas para as gerações futuras. Então, a memória sempre fez parte da minha vida e da história da minha casa.

### **Você estudou Jornalismo e atuou na imprensa. O fato de ser jornalista te ajudou a se tornar editora?**

Estudei Comunicação Social na PUC-Rio e me formei em 1976. Mas foi o acaso que me levou para um jornalismo bem próximo da literatura. Fui fazer estágio na *Tribuna da Imprensa*, e o editor-chefe do jornal, o José Costa, se desentendeu com o editor do “Suplemento Literário”. O José Costa me chamou e disse: “Tenho um desafio para você”. O desafio seria editar o “Suplemento Literário”, com 8 páginas, que era publicado aos sábados. Ele me convidou porque me via chegar à redação com livros, mas eu tinha só 20 anos. Aceitei o convite e apenas quando saí da sala dele me dei conta da encrenca em que eu tinha me envolvido. Mas pensei: “Isso vai ser por apenas um, dois ou três fins de semana. Depois, ele vai encontrar alguém”. Editei o caderno até 1980.

### **Foi uma escola, literariamente falando, para você?**

Sim. O “Suplemento Literário” da *Tribuna da Imprensa* foi não apenas minha primeira experiência profissional, mas também uma oportunidade de trabalhar com jornalismo e literatura. Foi a minha formação no sentido diário, de desafio, de conhecer muita gente, escritores e editores, e entender o mercado editorial. Eu recebia livros para fazer matérias, entrevistas, dar notas e, nessa história toda, tomei gosto.

### **Em que editora trabalhou inicialmente?**

Viajei para Londres em 1976 e voltei em 1977. Mas continuei editando o “Suplemento Literário” do exterior, inclusive eu produzia entrevistas, notas e reportagens. Fato é que a temporada em que passei editando o “Suplemento”, da *Tribuna da Imprensa*, fez com que meu nome ficasse em evidência, principalmente entre os editores. Então, em 1978, o Ênio Silveira me convidou para trabalhar na Civilização Brasileira. Minha missão foi criar um departamento de imprensa para a editora, tarefa que cumpri com muita satisfação. Fiquei lá até 1980.

### **Você conheceu o Rubem Fonseca em que contexto?**

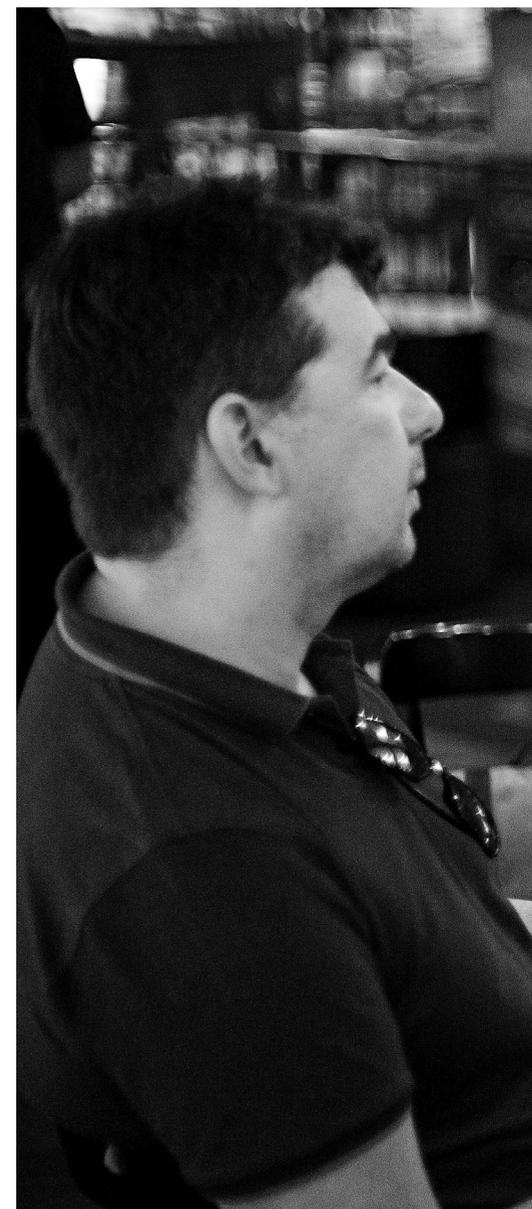
Em meados dos anos 1970, quando eu ainda era estudante na PUC-Rio. Fui apresentada a ele pelo grande escritor Victor Giudice (1934-1997), meu amigo e amigo do Fonseca. Este ano, pela Autêntica, vamos lançar o volume *Todos os contos*, de Victor Giudice. Victor é um contista surpreendente, muito criativo e original, injustamente pouco lembrado. E, respondendo à pergunta, por meio do Victor, me tornei amiga do Rubem Fonseca, uma pessoa reclusa, que não gosta de conceder entrevistas, mas nós conversamos. É um grande escritor e tenho imensa admiração por ele.

### **O Rubem Fonseca, inclusive, viabilizou uma oportunidade profissional em seu percurso. Pode falar sobre isso?**

Em 1980, o Rubem Fonseca era o presidente da Fundação Rio, que depois viria a se chamar RioArte. Era um “braço” cultural da Prefeitura do Rio. Naquele momento, ele me convidou para coordenar o Centro de Cultura Alternativa, que atualmente faz parte do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Lá, tive a oportunidade de organizar um acervo com jornais da imprensa alternativa, incluindo periódicos, revistas, artigos, discos e material de consulta. Também catalogamos o material da geração mimeógrafo. Realizei, enfim, um trabalho de preservação da memória. Trabalhei no Centro de Cultura Alternativa até 1985.

### **Então, em 1985, você é convidada para trabalhar na José Olympio.**

Inicialmente, como assessora de imprensa, na sede da empresa, em Botafogo. Aos poucos, comecei a prestar



atenção na área editorial e a conversar com os editores da casa. Todo ano eu viajava para Nova York, onde o meu programa favorito era visitar livrarias. Ao retornar, indicava títulos, sugeria que a editora viabilizasse determinadas obras. Por sugestão do pessoal da José Olympio, fiz um curso, na ESPM, de marketing, que até então não sabia ao certo ainda o que era. Continuei indicando títulos, alguns deles foram



publicados e eu também buscava espaço para esses livros na imprensa e nas livrarias.

### **Em que momento você migra da assessoria de imprensa para a função de editora?**

Em determinado momento, me fizeram uma proposta na JO: “Estamos em busca de um editor para cuidar de títulos internacionais. Aceita o convite?” Aceitei, até pelo fato de que eu já apresentava sugestões de livros que conhecia durante viagens ao exterior. No entanto, antes de assumir a função, tive que apresentar um projeto, também solicitado a outras pessoas. A minha

proposta, enfim, foi a escolhida. Mas tive que acumular, além da função de editora, trabalho nas áreas de marketing e imprensa. O desafio foi estimulante, mas chegou um momento em que eu estava sobrecarregada. A partir da década de 1990, pude me dedicar apenas à edição, e mergulhei de cabeça na atividade.

### **Qual o balanço de seus 30 anos na José Olympio?**

A editora foi criada em 1931 por um homem muito simples que tinha apenas o primário, o José Olympio. Esse homem conseguiu editar toda a literatura moderna brasileira: José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Campos de Carvalho, Mário Palmério, etc. Isso é um exemplo, algo único. Mas, quando cheguei lá, as obras desses autores estavam saindo da empresa.

### **Qual o motivo?**

A José Olympio passou por um momento difícil, mais administrativo do que financeiro. E, evidentemente, o mercado também se renovou. Então, a JO teve muita dificuldade em se reinventar. Saímos da sede, em Botafogo, e fomos para um novo endereço, na Rua da Glória. Eu costumava brincar: “A José Olympio foi para onde todo escritor queria estar, a rua da glória”. Isso se tornou, inclusive, o nosso mote.

### **Por que a empresa foi colocada à venda?**

Enfrentamos alguns momentos difíceis, só reeditávamos. A José Olympio foi colocada à venda e adquirida pelo grupo Record no final de 2001. No ano seguinte, fomos trabalhar na sede da Record, em São Cristovão, no Rio de Janeiro.

### **A José Olympio era uma editora, com autonomia, dentro da Record?**

Sim. Ao comprar a José Olympio, o Sérgio Machado (1948-2016), o proprietário da Record, reestruturou e empresa e enxugou a equipe. Ele me convidou para ser a editora da JO dizendo o seguinte: “Comprei uma tradição, uma História. Esse catálogo já não existe mais”. O que era verdade. >>>



## OS EDITORES | MARIA AMÉLIA MELLO

Antes da venda da JO, tive a tristeza de ver autores saindo da casa, e a meta do Sérgio era recuperar, remontar, porque a História a gente não refaz.

### **Que obras-legendas voltaram para a José Olympio depois que a Record comprou a editora?**

Conseguimos recuperar o legado de Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna, José Cândido de Carvalho, Raul Bopp, Antonio Callado, Marques Rebelo, Mário Palmério, Francisco de Assis Barbosa, entre outros. Consegui manter na casa o Ferreira Gullar. E ainda levei os títulos infantis do Chico Buarque, com ilustrações do Ziraldo.

### **Tem algum autor que você gostaria de ter publicado e, por alguma razão, não foi possível?**

Uma vez, um português perguntou se eu trabalhava na José Olympio. Respondi que sim. Então, ele fez a seguinte afirmação: “A José Olympio não era uma editora, mas um monopólio”. Afinal, a editora publicava quase todo mundo. Quando a Record comprou a José Olympio, em 2001, com os legados de Carlos Drummond de Andrade e Jorge Amado, que já estavam na Record, formou-se um imenso catálogo. Mas ainda faltava um autor.

### **O Guimarães Rosa?**

Exatamente. Gostaria muito de ter editado o Guimarães Rosa, mas nunca consegui. Agora, dizem que o mundo gira e a lusitana roda. Então, nunca se sabe.

### **O que motivou sua mudança da José Olympio para a Autêntica?**

Pedi para sair em setembro de 2014, mas permaneci na empresa até dezembro daquele ano. Percebi que já havia encerrado um ciclo na José Olympio, o que, de certa maneira, ficou evidenciado quando conquistei o prêmio Faz Diferença, promovido pelo jornal *O Globo*, que coroou meu trabalho com a memória. Mas eu queria um novo desafio. Quando a Rejane Dias, a proprietária da Autêntica, me convidou, pedi um tempo para pensar. A empresa já possuía um amplo catálogo, com obras de história, filosofia, psicanálise, literatura policial, etc. Mas recebi uma proposta para ser editora literária. Então, continuar na JO fazendo o que eu já havia feito, não tinha mais sentido. Na Autêntica, eu continuaria sim trabalhando com a memória, mas de uma nova maneira.

### **Que maneira?**

Criando livros. Como a *Caixa Rubem Braga*, em que o André Seffrin organizou as crônicas sobre artes plásticas, o Carlos Didier reuniu o material a respeito de música, enquanto o Bernardo Buarque de Hollanda selecionou o conteúdo relacionado à história e política. Ou o *Torquato Neto — Essencial*, livro organizado pelo Italo Moriconi, com textos que o autor publicou em jornais, datiloscritos e manuscritos vários. Agora, na Autêntica, estou criando obras a partir de conteúdos que já existem, mas que não estavam organizados nem publicados em formato de livro anteriormente.

### **Você foi editora e amiga do Ferreira Gullar. Quando vocês se conheceram?**

Comecei a trabalhar na Autêntica em março de 2015 e, em setembro, o primeiro livro que lancei pela empresa foi *Autobiografia poética & outros textos*, do Ferreira Gullar. Conheci o poeta o final da década de 1970, período em que eu trabalhava na *Civilização Brasileira* e ele era publicado pela editora. Éramos vizinhos, em Copacabana. Nossa amizade foi construída passo a passo, ano a ano. Na José Olympio, nossa relação se estreitou. Conversávamos praticamente todos os dias por telefone. Passei Natal, Anonovo, aniversário na casa dele, enfim, foi um diálogo permanente.

### **Você tem ministrado cursos de edição. Muita gente deseja editar livros no Brasil?**

Quanto mais se diz que o livro vai acabar, mais as pessoas parecem estar a fim de se tornarem editoras. É impressionante. Acho curioso porque é uma profissão que todo mundo associa ao





glamour, à festa e ninguém sabe o trabalho que dá. É pedreira todos os dias. Seja para trabalhar com autor que já existe ou para descobrir um novo autor. Bom, o pessoal quer saber como é editar clássico ou como fazer para atrair a atenção dos leitores hoje, entre outras dúvidas.

### **Pessoas de que áreas querem ser editoras?**

No passado, editores eram pessoas da área de Humanas, dos cursos de Ciências Sociais, Letras e até História. Hoje não. Atualmente, editores são pessoas da Comunicação Social, principalmente do curso de Jornalismo. Afinal, o jornalista é um generalista que sabe onde estão as informações, quem deve procurar e, o que é muito importante, tem agilidade. Porque o editor tem de saber fechar o conteúdo rapidamente. Jornalista consegue criar pautas, por exemplo, em cima da datas, efemérides redondas, com anos de nascimento, por exemplo. E isso ajuda no momento de pensar em um novo livro.

### **Seu livro de contos *Às oito, em ponto*, conquistou o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras em 1984. Pretende voltar a escrever e publicar contos?**

Com o fim do ciclo na José Olympio, comecei a olhar para dentro de mim. Além disso, alguns colegas nunca deixaram de comentar: “Você precisa voltar a escrever, gosto do que você escreve”. Às vezes perguntavam: “Você é a mesma Maria Amélia que escreve contos?” Esses são bons estímulos para voltar e, de fato, estou escrevendo um livro novo de contos, que devo publicar em 2019. Inclusive, ano que vem também deve sair meu livro infantil, que já escrevi. ■



## POEMA | JULIA RAIZ

# O QUE O FOGO FAZ AO OURO

nos filmes os gatos sabem antes  
quando a terra vai tremer  
o sol se apagar  
sabem das grandes ondas  
e da fumaça cegando  
o horizonte  
pena que nas igrejas não existam  
gatos de verdade  
são todos de madeira inflamável  
sangrando com flechas  
cruzadas no peito e  
um pano muito roto  
cobrindo as partes

# O QUE A ÁGUA FAZ AO OURO

eu tinha um pinto  
grudado a um prato  
como um chaveiro  
tentava colocá-lo  
de volta onde não  
pertence você querendo  
vestir uma camiseta camuflada  
de vaca ou de exército  
recitando hinos por chacota  
pedindo pra levar  
um tapa na cara  
querendo tomar banho  
de banheira  
na minha água suja  
que nem os empregados  
do palácio colonial:  
primeiro o patriarca  
depois a esposa e os filhos  
por último a criadagem  
você, mal criada

# O QUE A TERRA FAZ AO OURO

iniciadas nos estudos secretos  
da alkhemia africana  
as três vestindo pink  
chupando sorvete de chiclete  
fugindo rápido dos  
empregos de 9h às 6h  
se reúnem para pintar  
a cara uma das outras  
com lama  
cor de montanha fatiada:  
verde esmeralda  
gosto de cobre  
os olhos muito estatelados  
brilhando contra o fundo preto

 **Julia Raiz** nasceu em São Paulo (SP). É autora do livro de poemas *diário: a mulher e o cavalo* (2017). Vive em Curitiba (PR).



## POEMA | MARIA DOLORES WANDERLEY

Tenho uma imensa necessidade  
de errar,  
experimentar o sagrado.  
Uma chuva muito antiga  
alimenta o lago onde busco água,  
é necessário que eu ande  
mesmo sem mapas ou bússolas  
sem satélites.  
Há estrelas e ventanias  
me guiando



**Maria Dolores Wanderley** é

professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde leciona no Departamento de Geologia desde 1997. Publicou cinco livros de poesia, entre eles, *Ao rés do chão* (2013), e dois livros de contos, entre eles, *Paralelo 5* (2015). Vive no Rio de Janeiro (RJ).

# OS RITMOS

A terra desacelera um segundo a cada ano  
minha cabeça acelera  
de frente para telas e teclas  
como se o dia estivesse encolhendo  
minha cabeça dá voltas  
estou sóbria

Entendo de ostras e madrepérolas  
magma, cristais, mandalas  
quando não há mais tempo  
a perder com miudezas  
e já que não há lugar nem tempo  
a perder com miudezas  
que faço eu por aqui

se tudo que sei são miudezas  
e não há mais tempo  
nem paciência  
de trançar labirintos  
e o infinito se perdeu?

# REQUERIMENTO À LIGHT

Força, preciso de força  
para suportar a voltagem da vida  
quem sabe a Companhia de Eletricidade  
com seus cabos isolantes haverá  
de me ajudar a organizar  
minhas energias  
blindar a pele e a alma  
desse mundo caótico,  
me aninhar em um pensamento vago,  
num casulo.

mesmo que seja breve,  
que seja frágil



# Fracasso e glória

Divulgação

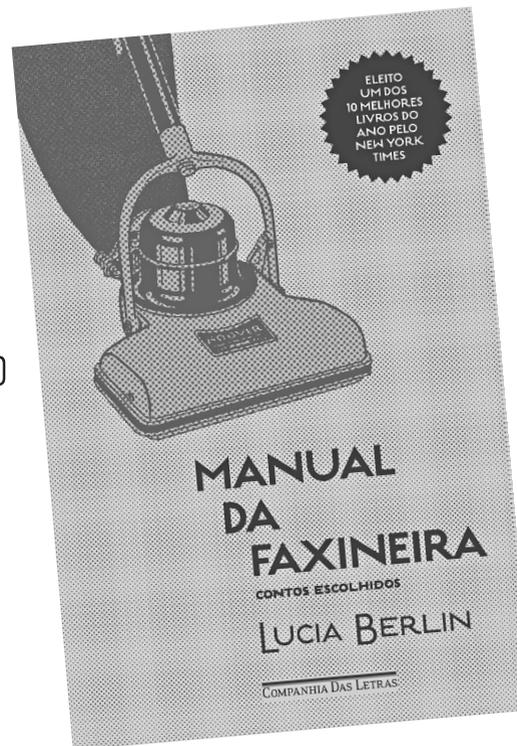
Antes da fama tardia, Lucia Berlin (1936-2004) publicou três coletâneas de contos pela pequena Black Saprow Press. Apesar de pouco lida, em vida teve admiradores como o prêmio Nobel Saul Bellow.



**Lucia Berlin** escreveu contos de inspiração biográfica que primam pela elegância e bom-humor, ainda que falem sobre temas pesados como alcoolismo e fracasso. A jornalista e escritora **Marleth Silva** conta a trajetória da autora americana que ganhou notoriedade após a morte

**O** reconhecimento póstumo de escritores é uma vitória agri-doce. Justiça é feita à qualidade da obra, mas quem merecia desfrutar do sucesso não está mais aqui para desfrutá-lo. Após passar a vida sem reconhecimento, talvez lutando contra dificuldades financeiras, talvez duvidando de si mesmos, esses autores caem no esquecimento, para anos mais tarde serem descobertos pelo mercado editorial. Por melancólico que seja, esse reconhecimento tardio pelo menos dá a nós, leitores, a chance de conhecer um grande autor. É essa a história de Lucia Berlin, a americana que ao morrer, em 2004, era uma professora aposentada que estimulava jovens escritores, se batia com problemas de saúde e tinha três livros de contos que quase ninguém tinha lido.

A descoberta da obra de Lucia Berlin veio 11 anos após sua morte. Em 2014, os escritores Stephen Emerson,



Barry Gifford e Michael Wolfe, que a conheceram pessoalmente, se propuseram a convencer algumas das grandes editoras americanas a publicar a coletânea de contos da amiga. Queriam tirar do esquecimento um conjunto de textos que merecia ser lidos. Conseguiram que a editora Farrar, Straus e Giroux se interessasse e, em 2015, *Manual da faxineira* viu a luz.

Viu a luz e viu a glória. Foi escolhido um dos dez melhores livros do ano pelo *The New York Times*. Traduzido para vários idiomas, foi elogiado por críticos mundo afora. No Brasil, saiu em 2016 pela Companhia das Letras.

A publicação dos 43 contos de *Manual da faxineira* — metade do total que a autora deixou — fez renascer também a Lucia Berlin que é personagem da maioria das histórias. Uma mulher belíssima e vaidosa, que teve uma vida acidentada, com paixões, cons-

tantes mudanças de endereço e todos os problemas que o alcoolismo provoca. A professora universitária que viveu em um trailer em Boulder, no Colorado (“Aqui não se bebe em festas de fraternidades nem em jogos de futebol” — diz ela em um conto em que classifica as cidades onde morou pelo consumo de álcool em cada uma delas), era a mesma Lucia que, anos antes, namorara artistas e circulara entre usuários de drogas pesadas em Nova York, no México, em Albuquerque e Oakland, enquanto se virava como faxineira, enfermeira e telefonista.

### Personagens

A tentação é grande de falar mais das aventuras e desventuras de Lucia Berlin que de seus contos. O que seria uma grande injustiça porque, como escritora, ela consegue ao mesmo tempo ser original, contar boas histórias e encantar o leitor. Sua escrita sem floreios desliza diante de nossos olhos com a fluência de uma conversa entre amigos. Os personagens são sempre seres atrapalhados que vão tropeçando em suas fraquezas, mas — e aí chegamos ao crucial — a autora não os ridiculariza, não tem pena deles, não dramatiza suas desgraças. Lá no fundo, todo mundo é igual — ela parece nos dizer — seja o índio bêbado de Albuquerque, a beldade que sonha com Hollywood, a grávida que conta o que viu na clínica de abortos, a mãe que se apaixona pelo amigo do filho, a alcoólatra que sai de madrugada para comprar uísque antes que as crianças acordem, a mulher negra e bem-sucedida que trata com desdém a faxineira.

Lucia trabalhou como faxineira mesmo tendo diploma universitário. “As faxineiras mais antigas nem >>>

sempre me aceitam com muita facilidade. E é difícil arranjar serviços de faxina também, porque eu sou ‘instruída’. Só que eu não tenho conseguido de jeito nenhum arranjar outro tipo de trabalho.” É Lucia falando através da personagem do conto que dá nome ao livro. “O ônibus está atrasado. Carros passam. Gente rica dentro de carro nunca olha para as pessoas na rua. Gente pobre sempre olha... na verdade, às vezes parece que elas estão só passeando de carro, olhando para as pessoas na rua. Eu já fiz isso. Gente pobre espera muito. Em postos de previdência social, filas de desempregados, lavanderias, cabines telefônicas, prontos-socorros, prisões, etc.”

Talvez os empregos pesados (enfermeira de pronto-socorro, professora de educandário para menores infratores...) fossem uma autopunição. Talvez fosse a forma de conhecer os mais incríveis personagens que uma contista pode querer.

Sua única personagem que parece ter uma vida confortável é a menina rica que mora em Santiago do Chile, provavelmente um alter ego da escritora no período *high society* de sua vida. O pai de Lucia trouxe a família para a América do Sul quando foi trabalhar em Santiago. Lucia estudou em uma escola particular e frequentou a conservadora sociedade da capital chilena. Foi nessa época que começou a fumar — o que não mereceria uma linha sequer de sua biografia se não fosse pela curiosidade que cerca o episódio. As primeiras tragadas aconteceram em um iate ancorado em Viña del Mar cujo dono era o príncipe persa, o Aga Khan, na época uma celebridade mundial. O encontro com o galanteador, que fez questão de acender o cigarro da adulescente americana, não está no con-

to “Boa e má”. Sabemos dele porque Lucia o relatou a amigos. O que está no conto é a convivência dela com *miss Dawson*, a professora socialista que se esforça para aproximá-la dos desfavorecidos chilenos e que, a certa altura, lhe diz: “A melhor coisa que poderia acontecer com você seria se sentir desconfortável.” Sabendo o que a vida traria para Lucia, a sugestão da professora soa carregada de ironia.

Os personagens de Lucia são sutilmente sensuais, talvez porque sempre apreciem o que está acontecendo em volta deles. Mesmo cercados de corpos maltratados e de mentes mesquinhas, encontram algo que vale a pena. Isso está na origem de encontros com homens nada promissores, que acabam nos fazendo rir. Como no conto “Meu jóquei”, em que a enfermeira despe um paciente mexicano que caiu do cavalo. “Um deus asteca em miniatura”. Aterrorizado, o jóquei só se deixa examinar pelo médico se estiver no colo da enfermeira que fala espanhol. Ela pensa: “Um homem no meu colo. Seria o homem dos meus sonhos? O bebê dos meus sonhos?” Em “B.F. e eu”, que segundo o posfácio da edição brasileira, foi o último conto escrito por ela, a idosa (que se apresenta como L.B.) mora em um trailer. Quando chama um homem para ladrilhar seu banheiro, surge B.F., que ela descreve como “enorme, alto, muito gordo e muito velho”. “Mesmo enquanto ele ainda estava do lado de fora, tentando recuperar o fôlego, eu já estava sentindo o cheiro dele. Tabaco e lã suja, suor fedorento de alcoólatra. Ele tinha olhos azul-bebê injetados que sorriam. Gostei dele de cara.”

Em “Ponto de vista”, único texto conhecido de Lucia Berlin que discorre sobre literatura, o narrador está >>>

A também contista Lydia Davis é uma entusiasta da obra de Lucia Berlin. As duas autoras trocaram cartas e Davis escreve o posfácio da edição brasileira de *Manual da faxineira*.





escrevendo um conto e diz, sobre o personagem que está criando: “...O que eu espero conseguir fazer é, por meio da utilização de detalhes intrincados, tornar essa mulher tão verossímil que você não tenha como deixar de se compadecer dela.” Mais que compadecer, ela consegue que nós leitores nos sintamos próximos, como velhos amigos.

Neste mesmo conto, há três pessoas em cena, em um jogo literário que Lucia explicitou como poucos autores. São elas: a escritora Lucia Berlin, o narrador onisciente e a personagem. Em um dado momento o narrador confessa usar na literatura elementos de sua vida. Por exemplo, sua personagem faz refeições modestas e solitárias usando “belíssimos talheres italianos de inox”, assim como ele, narrador, conta fazer. Nos damos conta de que talvez seja Lucia Berlin quem come usando talheres finos e que ela emprestou essa característica ao narrador do conto que por sua vez a empresta para a personagem. Nas últimas linhas, a confusão entre o narrador que se apresenta como um escritor falando de seu personagem, o personagem em si e a própria Lucia é explorada de novo. Após descrever o personagem solitário observando alguém na rua, o narrador diz: “Eu me apoio no peitoril frio da janela e fico observando o homem.”. Quem é o “eu” desse conto? Nos contos de *Manual da faxineira*, desconfiemos que é sempre Lucia Berlin.

### Ficção e memória

Essa confusão proposital reforça a impressão de que a escrita de Lucia é, mais que ficção, memória escrita ao sabor do fluxo de consciência. Como se ela arrancasse páginas de seu diário e as publicasse isoladamente, oferecendo-as para nós, leitores, como histórias

curtas. Contribuí para esta impressão o fato de que o mesmo personagem ressurge em diferentes fases da vida. A jovem que vive com um músico em um conto é também a mãe que abriga os filhos em uma manhã gelada de Nova York e que, madura, cuidará da irmã à beira da morte? A mulher que descreve a clínica de reabilitação é a mesma que esquece de frear o carro estacionado em uma subida para pavor de seus amigos, alcoólatras como ela?

A escritora Lydia Davis, que trocou cartas com Lucia Berlin durante anos, diz, no ensaio que acompanha a edição brasileira de *Manual da faxineira*, que a amiga fazia “autoficção” (“a narração da própria vida, retirada quase sem modificações da realidade, selecionada e relatada judiciosamente”) desde o início da década de 1960. Mas também cita um dos filhos de Berlin: “As histórias e lembranças da nossa família foram sendo lentamente remodeladas, embelezadas e editadas, a ponto de às vezes eu não saber ao certo o que realmente aconteceu”. Ou seja, Lucia Berlin retrabalhava suas memórias meticulosamente e não apenas as registrava. Esta é uma distinção importante em se tratando de uma escritora cuja história pessoal tende a chamar tanta atenção quanto sua literatura.

### Trajatória

A vida conturbada de Lucia Berlin começou no Alasca, em 1936. O pai era engenheiro de minas e submeteu a família a um nomadismo que a levou a várias cidadezinhas onde havia mineração. Quando ele foi convocado para lutar na Segunda Guerra Mundial, Lucia, a mãe e a única irmã passaram a viver com o avô, um dentista de El Paso. Vêm dali as primeiras experiências que a es-

critora narrará em seus contos. O avô e a mãe eram alcoólatras. Com o retorno do pai, a família se mudou para Santiago do Chile, onde Lucia se tornou fluente em espanhol. Nos anos seguintes se formou na Universidade do Novo México — para onde voltaria mais tarde para fazer o mestrado —, casou três vezes e teve quatro filhos. Seus maridos eram todos artistas: o primeiro, escultor e os outros dois, músicos de jazz. Seu último marido, Buddy Berlin, de quem adotou o sobrenome (ela nasceu Lucia Brown), era dependente químico. Alguns contos incluídos em *Manual da faxineira* descrevem a vida resignada e sofrida da mulher de um usuário de drogas. São os mais melancólicos e desesperançados de todo o livro.

Ainda jovem, com os quatro filhos pequenos, Lucia se viu obrigada a trabalhar para sustentá-los, já que os pais das crianças eram ausentes. Ao mesmo tempo, o consumo de álcool se tornou um problema. A combinação de vício com maternidade a conduziu aos empregos humildes e à vida errática que renderiam material para seus contos. Tinha 24 anos quando teve um conto publicado pela primeira vez. Foi na revista literária *The Noble Savage*, mantida por um grupo de escritores que incluía Saul Bellow. Daí para frente seus escritos apareceriam em outras publicações.

A literatura só tomaria um espaço mais consistente na vida de Lucia Berlin quando, chegando a meia-idade, com os filhos adultos, parou de beber. Em 1994, o poeta Edward Dorn, que ela conheceu quando ambos eram universitários, convidou-a para ocupar a posição de professora visitante na Universidade do Colorado. Aos 58 anos, Lucia se instalou em um trailer nos arredores de Boulder. Tinha mui-

## PERCURSO

DA REDAÇÃO

Lucia Berlin nasceu no Alasca, em 1936. De faxineira à professora assistente condecorada na Universidade do Colorado, viveu em diversas cidades ao longo da vida, teve problemas sérios de saúde — escoliose e câncer — e lutou contra o alcoolismo por quase duas décadas. Matriculou-se na Universidade do Novo México, em 1955, onde também fez mestrado no final da década de 1960, à época já divorciada duas vezes e com quatro filhos. Publicou seus primeiros contos aos 24 anos, nos periódicos *The Noble Savage* e *The New Strand*. Posteriormente, revistas como *Atlantic Monthly* e *New American Writing*, entre outras, publicaram seus textos. Os 76 contos que escreveu em vida renderam três coletâneas, que reúnem a maior parte de sua obra: *Homesick* (1991), vencedor do American Book Award, *So long* (1993) e *Where I live now* (1999), todos publicados pela pequena editora *Black Sparrow Press* — a mesma que editou grande parte da poesia de Charles Bukowski.



**Marleth Silva** é jornalista e autora do livro *Quem vai cuidar dos nossos pais?*. Trabalhou na *Gazeta do Povo* e no *Jornal do Brasil*, na revista *Veja* e no site *UOL*. É mestre em comunicação pela Universidade de Westminster. Vive em Curitiba (PR).

uma mãe mexicana de 17 anos e a enfermeira que a recebe no posto de saúde. Cada uma delas tem, a seu modo, uma vida miserável. Sendo assim, a que parece em melhor situação jamais faz qualquer julgamento.

Aí está o trunfo de Lucia: seus personagens nunca são reduzidos ao nível das circunstâncias em que vivem. São seres humanos plenos. Isso nos leva de volta a Tchekhov, seu herói literário. “Diante de uma princesa e de uma servente, Tchekhov trata as duas exatamente da mesma forma”, costumava dizer aos alunos. Ela admirava no russo a disciplina na busca da imparcialidade.

Por que a obra de Berlin não “aconteceu” antes? Cada um de seus livros vendeu em torno de mil exemplares. A imprensa não falou deles. A escritora Ruth Franklin, resenhando *Manual da faxineira* para o *The New York Times*, atribuiu a pouca repercussão ao fato de Lucia ter se mantido às margens do mundo literário, mais devotada à sobrevivência e aos filhos, ou talvez à natureza autêntica, sem filtros, de sua obra.

Com a saúde debilitada, ela se aposentou aos 64 anos e foi morar perto dos filhos, na Califórnia. Em 2004, morreu no dia em que completava 68 anos.

Agora os amigos preparam um próximo livro com suas cartas que, garantem, são tão vivazes e surpreendentes quanto os contos. ■

tos amigos e era popular entre os estudantes. Chegou a publicar três títulos, que venderam poucos exemplares. Entre os que os leram, está o poeta August Kleinzahler, a quem ela escreveu uma carta (era uma grande missivista) em que comenta a semelhança de seu trabalho com o do contista americano Raymond Carver, dois anos mais novo que ela e, ele sim, uma celebridade literária: “Eu escrevia como ele mesmo antes de tê-lo lido. Nossos ‘estilos’ vieram de nossas histórias pessoais (similares de certa forma). Não mostre seus sentimentos. Não chore. Não deixe ninguém

conhecer você...” Além de Carver, falava com paixão de Tchekhov, com quem hoje é frequentemente comparada.

A mesma compaixão que ela admirava na forma como Tchekhov abordava as fraquezas de seu personagem é facilmente identificável nos seus contos repletos daquelas pessoas que a sociedade americana convencionou chamar de *losers*. Certamente Lucia Berlin via os derrotados como seus pares e sua narrativa tem a capacidade de conduzir a nós, leitores, ao mesmo nível de empatia. No conto “Mijito”, o narrador se alterna nas vozes de dois personagens:

# DA PEQUENA E NECESSÁRIA RECOMPENSA



**D**ora fica pra trás na Catimba. Resolvemos que é muito mais jogo eu sair sozinho pra ver se acho algo comestível, que se algo me achar comestível primeiro ela ainda tem chance de se salvar. Esse planeta prometia lá de fora. Superfície respirável, muita matéria orgânica, vida vegetal intensa. Há sempre o cálculo probabilístico da Inteligência Artificial pra rastrear possíveis formas de vida que representem perigo. Mas claro que é um cálculo incerto, que não leva em conta muita coisa, como elementos e mutações biológicas que a humanidade desconhece, ou mesmo interferência externa, que nem todo planeta teve a sorte de crescer cheio dos não-me-toques como a Terra, sozinha no parquinho do play.

A IA da Catimba localizou uma fonte de água provavelmente potável a cerca de um quilômetro e meio, passando por uma área densa de vegetação, tão densa que ela só conseguiu pousar onde pousou e não mais perto. Minha pistola não é efetiva contra tudo o que já encontramos, mas consegue pelo menos atrasar a maioria das coisas que já tentaram me alcançar, então me aferro a ela enquanto abro caminho com o facão iônico.

Como tá aí, Jono?, a voz de Dora no receptor.

Uma merda, claro, respondo, cuidando pra não derrapar na terra gosmenta.

O que seria a grama daqui parece uma alga azul clara que fica espetada pra cima em ziguezague, um raiozinho invertido, e quando aproximo o pé ela se retrai, deitando no chão e ganhando uma tonalidade vermelha. Não sei bem se são elas que deixam a terra pegajosa ou se a própria composição do chão é parcialmente líquida. As árvores são brancas e não têm folhas; galhos e galhos retorcidos e chapados nas pontas, duros mas fáceis de cortar. No radar não há sinal de animais maiores que uma formiga, então até aqui tudo tranquilo.

Quando chego à fonte, um riacho que atravessa uma faixa de terra, me abaixo e mergulho a ponta do analisador na água. Algumas gotas passam pra dentro do cubo de plástico.

A água parece limpa aqui, água de verdade, digo.

Espera o resultado antes de beber, Jono.

Claro. Perdi completamente a coragem depois daquela viagem pra Gorang X5.21.

Em Gorang, o conjunto de elementos adormecidos numa espécie de amora silvestre entrou em combustão com alguma enzima do meu estômago e criou uma bactéria ultrapotente que levou meses pra ser completamente removida sem ocasionar implosão ou a troca de todo o aparato digestivo. Uma ressaca de meses com certeza te deixa reticente diante de uma garrafa de uísque.

O analisador dá a luz verde.

Tudo certo aqui, digo. Vou encher os dois cantis e andar mais um pouco, talvez eu ache comida também.

Certo. Estou mapeando o trecho em que você está andando, com os drones.

Dora é prestativa. Foi uma boa ideia salvá-la da execução prevista pela corte marcial na Terra. Claro que ela agora assumiu outra identidade e possui outra assinatura genética, outro rosto, outro corpo, um conjunto adicional de memórias. Mas é em essência a mesma.

Levo alguns minutos pra achar uma árvore azul no meio das árvores brancas. Ela tem bolas na ponta dos galhos que parecem botões de flores, do tamanho de bolas de basquete. Que saudade de jogar, puta merda, tenho que me contentar em rever os jogos do Lebron voando pela quadra, lembrando que o espaço me deixou com a força física de uma criança de oito anos na gravidade de casa. Abro um dos botões no meio com o facão. Algo borbulhante e vivo cai no chão e fica se debatendo, um girino melequento, até que solta um ganido e para. As graminhas ziguezagueantes se alongam e se atiram sobre o corpinho e o puxam pra baixo, sumindo na terra.

Aí as matronas brancas ficam irritadas. Primeiro levo uma galhada pesada na orelha, e quando caio no chão as outras lançam seus galhos também, batendo onde dá.

Tô apanhando que nem condenado das árvores!, digo, tentando levantar mas tomando uma rasteira atrás da outra.

Vai na direção que enviei pra você, tem um clareira aí perto!

Consigno eventualmente levantar e corro na direção marcada no GPS, ainda levando galhada atrás de galha-

da, cortando com o facão iônico o que consigo pelo caminho, que não é muito. Quando chego na clareira vejo a Catimba sobrevoando baixo. Dora joga a cabo de engate e amarro ele na cintura.

Pode puxar, digo, e num tranco sou arrancado do chão e puxado pro compartimento de carga da nave.

Dora abre a porta depois da depressurização.

Sua cara virou um maracujá enorme com vários maracujazinhos no meio, ela diz.

Valeu. Amanhã é que vai ficar lindo pra valer.

Vai mesmo. Acabou o nosso gel.

Quê? Puta que pariu. Como deixamos isso acabar?

Você quis brigar com aqueles frentistas na estação Horep, lembra, valentão?

Ah, é. Putz, tudo isso por dois cantis de água.

Já passamos por coisa pior. Pelo menos temos água.

É verdade. Pelo menos. Catimba, na escuta? Refaça o trajeto até Horep.

Por que, Jono?, diz Dora. Pra que voltar naquele pardieiro?

Eles têm gel. E é o pardieiro mais próximo. Você tá vendo, não tem nada pra gente nesse quadrante aqui. A gente volta e reabastece antes de entrar em outro. E os meus amigos frentistas podem tá por lá ainda.

Você que manda, chefe, ela diz, voltando pra cabine.

Tiro o traje, sentindo até o cabelo latejar, deito na cama do dormitório e tomo um gole da água. Hum. Boazinha, pelo menos. ■



# Irmandade marginal (a contragosto)

Na era tecnológica em que vivemos, sobre o que os escritores de ficção científica brasileira estão escrevendo?

**Luiz Bras** reflete sobre a produção atual em um dos gêneros mais profícuos da nossa literatura — mas que permanece à margem do mercado

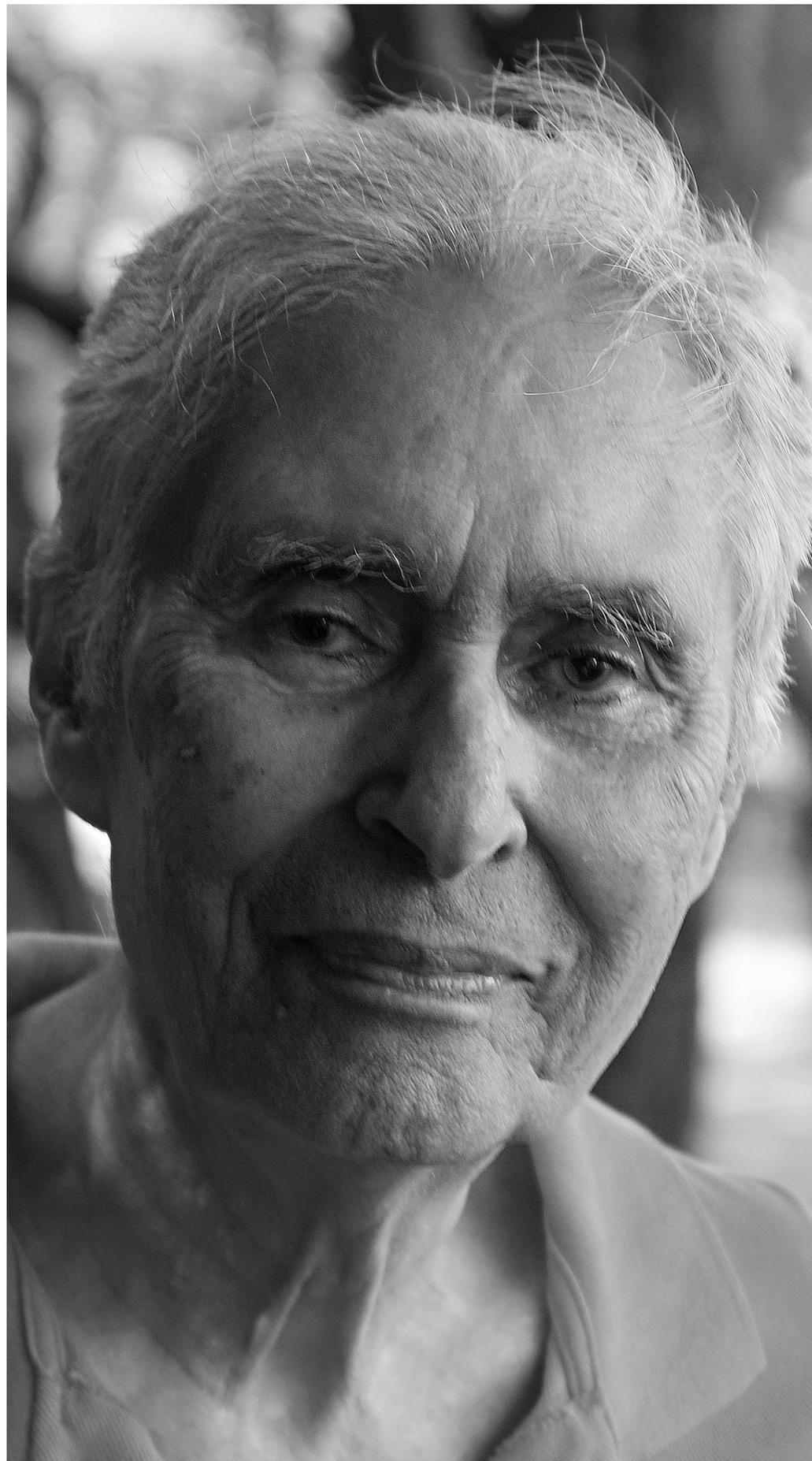
O que mais me fascina na contemporânea ficção científica — ou ficção futurista, se preferir — é a maneira como seu sistema de crenças e desejos está sendo invadido sem dó pela atual realidade científica e tecnológica, e reagindo criativamente a ela. Muitos contos e romances de FC contemporâneos conseguem ser mais realistas do que a própria literatura realista.

Durante aproximadamente quatro bilhões de anos a seleção natural — um dos mecanismos básicos da evolução — moldou aleatoriamente a vida na Terra. Até onde sabemos, os seres humanos são as criaturas mais inteligentes que a seleção natural produziu. Mas parece que logo seremos superados.

Em diversos centros de pesquisa do planeta, cientistas e engenheiros estão construindo programas de computador cada vez mais sofisticados. São criações artificiais — nada aleatórias — que imitam os complexos processos mentais humanos. Jogam xadrez muito bem, compõem música e escrevem poesia de qualidade. Mas ainda não dá pra dizer que são criaturas realmente *inteligentes*. Até agora.

Na velocidade que a ciência da computação está avançando, espera-se para breve o surgimento de uma inteligência artificial realmente mais inteligente que o mais inteligente

Escritor que participou da chamada Primeira Onda da ficção científica brasileira, André Carneiro é autor de livros que flertam com o existencialismo.



Kraw Penas

dos seres humanos, capaz de nos superar até na criação artística e literária.

Quando isso acontecer, vamos sentir o mesmo assombro e a mesma melancolia que o cansado *Homo erectus* sentiu, num ponto qualquer da Ásia, ao ver as acrobacias mentais do serelepe *Homo sapiens*.

Stephen Hawking, um dos cientista mais icônicos do planeta, que morreu mês passado, e Elon Musk, o empresário mais visionário do sistema solar, sempre foram unânimes: quando surgir, a inteligência artificial será a ruína da espécie humana.

Será que Arnold Schwarzenegger viajará no tempo como um exterminador do futuro, a mando da Skynet? Pausa dramática.

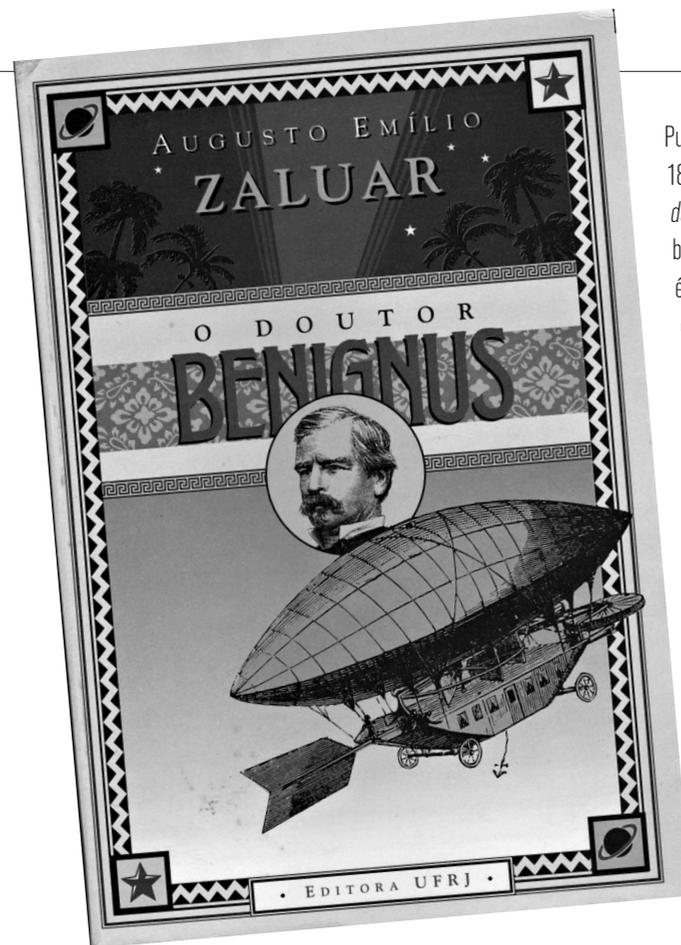
### Revolução pós-humana

A esperança da humanidade pode estar em outra linha de investigação igualmente promissora: a bioengenharia. Em diversos centros de pesquisa, geneticistas estão mapeando e manipulando nosso código biológico, a fim de nos aperfeiçoar física e mentalmente.

O objetivo é eliminar as doenças, fortalecer o corpo, potencializar a inteligência e aumentar nossa expectativa de vida saudável. O cultivo de órgãos artificiais e o uso de nanotecnologia e drogas cognitivas também fazem parte do cardápio dessa *terapia da juventude duradoura*.

A conexão cérebro-computador, que permite que paraplégicos e tetraplégicos movam com o pensamento membros eletrônicos e até exoesqueletos, será mais uma arma poderosa do arsenal reunido contra o envelhecimento e a morte. É nesse momento que a engenharia biocibernética e a inteligência artificial unirão forças.

Seremos todos ciborgues e vive-



Publicado pela primeira vez em 1875, o romance de ideias *O doutor Benignus*, do português-brasileiro Augusto Emílio Zaluar, é a primeira obra de ficção científica escrita no Brasil.

remos mil anos ou mais.

Todos nós? É melhor esperar sentado...

Apenas a pequena fatia endinheirada de nossa sociedade conseguirá pagar pelo caríssimo aperfeiçoamento fisiológico e tecnológico. A elite de bilionários dará início a um ramo de super-humanos avançados, enquanto nós... Nós continuaremos sendo nós mesmos.

Desde a obra fundadora de Mary Shelley, *Frankenstein ou O moderno Prometeu*, lançada em 1818, a ficção futurista — ou ficção científica, se preferir — vem apresentando uma infinidade de criaturas híbridas sempre em busca de mais vida, mais força, mais inteligência. Agora é a realidade que está tentando realizar o que antes só a religião e a ficção ousavam propor: longevidade sem data de validade.

### Triade nada trivial

É certo que a vida sem data pra acabar nunca foi uma exclusividade da ficção científica ou da tecnociência. Muito próximas dos mitos religiosos, também a ficção fantástica e a ficção sobrenatural trataram incontáveis vezes desse tema. Basta lembrar que uma das primeiras obras conhecidas da literatura mundial, a *Epopéia de Gilgamesh*, do século XII antes de Cristo, fala da busca pela imortalidade.

A ficção fantástica, a ficção sobrenatural e a ficção científica são gêneros literários aparentados, que lidam com nossos anseios às vezes conflitantes de permanência e transcendência. A causalidade, a força da gravidade, a biologia, a geologia, a atmosfera — enfim, as regras gerais que conhecemos e seguimos em nosso mundo >>>



## CAPA | FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

— ou funcionam total ou parcialmente de modo estranho (ficção fantástica) ou podem ser subvertidas total ou parcialmente por meio da magia ou da tecnologia (ficção sobrenatural e ficção científica).

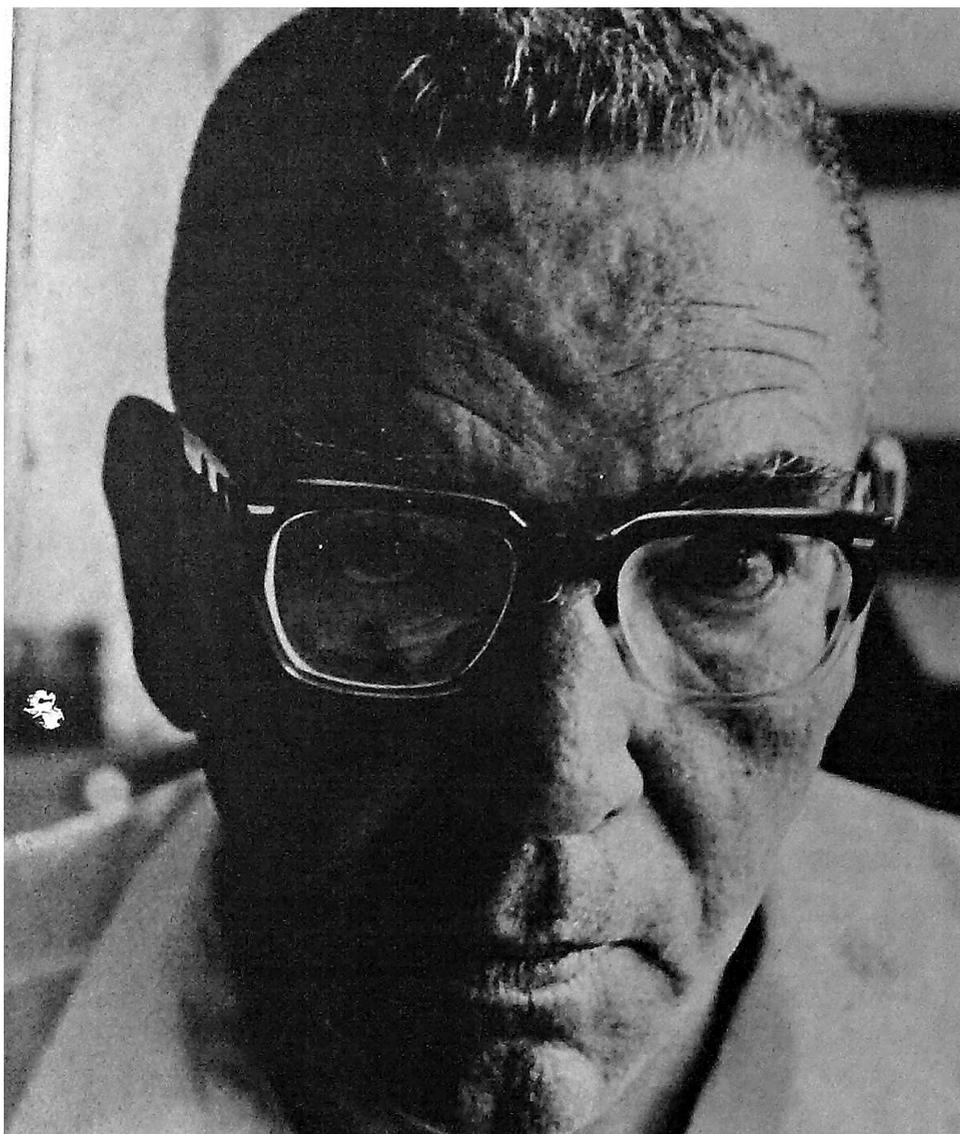
Na história literária brasileira, nossa ficção fantástica e nossa ficção sobrenatural conquistaram prestígio institucional e reconhecimento público graças a Murilo Rubião, José J. Veiga, Álvares de Azevedo, Mário de Andrade, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles, Erico Verissimo, Lygia Bojunga e Jorge Miguel Marinho, entre outros.

Nossa ficção científica, no entanto, continua praticamente invisível, apesar do gigantesco número de contistas e romancistas talentosos que se dedicaram e se dedicam ao gênero. Qual a razão desse preconceito? Não faço ideia. Um mistério ainda pouco compreendido é por que o leitor brasileiro não prestigia a inquietante FC brasileira.

### Estranhos no paraíso artificial

A necessidade historiográfica, sempre cartesiana, divide em quatro fases a história da ficção científica na terra *brasilis*. Na primeira fase, iniciada no final do século XIX, não existe propriamente um movimento coordenado, mas obras esporádicas, em que a preocupação com questões científicas e tecnológicas tem papel central.

Publicado em 1875, o romance de ideias *O doutor Benignus*, do português-brasileiro Augusto Emílio Zaluar, é a primeira obra de ficção científica escrita no Brasil. Essa narrativa inaugural, inspirada em parte nas ficções de Jules Verne, conta as aventuras de um médico-cientista e sua comitiva, pelo interior selvagem do Brasil. O ponto alto da viagem do doutor Benignus é o encontro



Jeronimo Monteiro é considerado pelos especialistas o pai da ficção científica brasileira. Em sua homenagem, em 11 de dezembro é celebrado o Dia da Ficção Científica Brasileira.

com o representante de uma avançada civilização alienígena, vindo do Sol.

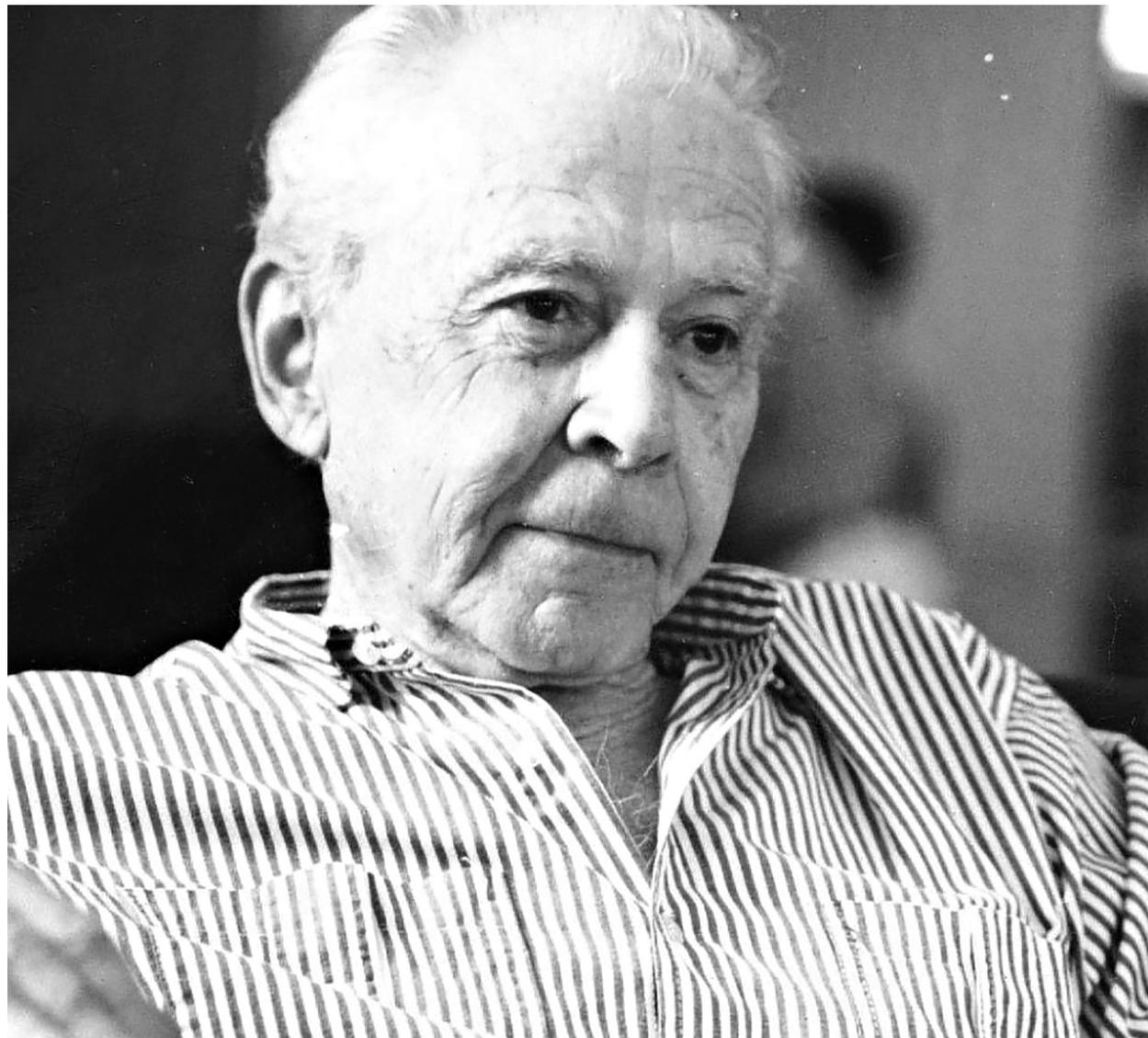
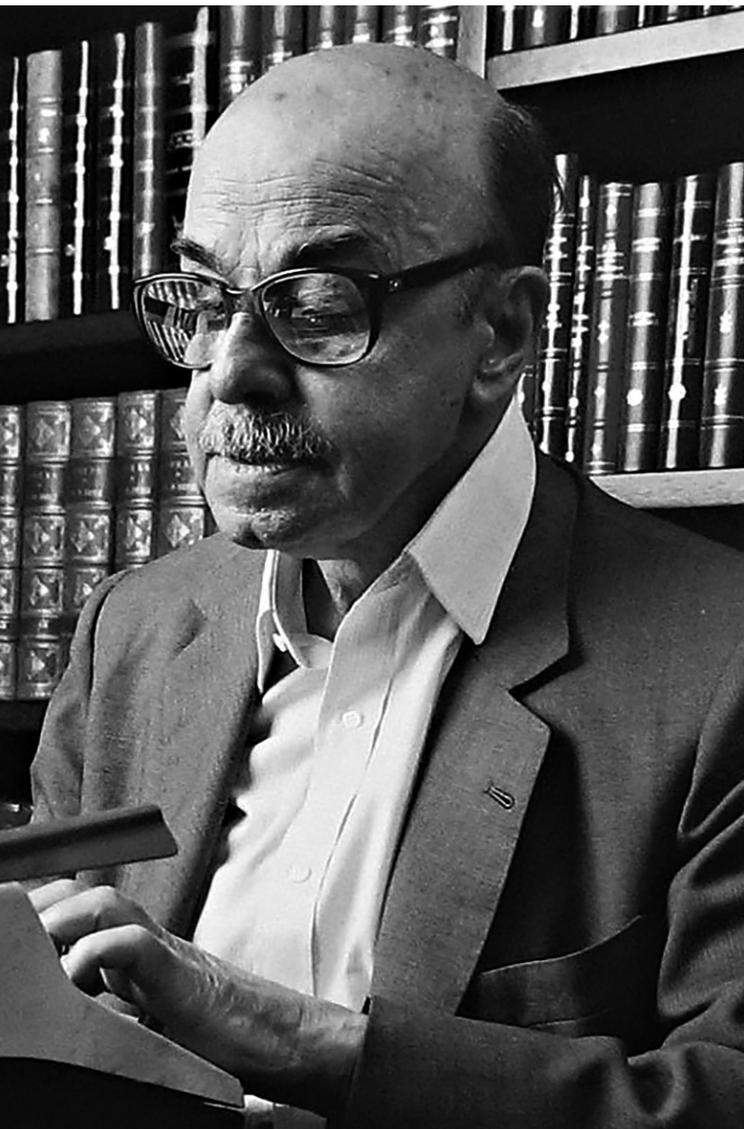
De 1875 a meados do século XX — do final do Império ao início da nossa gloriosa República —, um punhado de autores começa a esboçar o mapa da ficção futurista brasileira: Afonso Schmidt, com a novela *Zanzalá*; Albino Coutinho, com o romance *A liga dos planetas*; Emília Freitas, com o romance *A rainha do Ignoto* (primeiro romance de FC publicado por uma brasileira); Gastão Cruls, com o romance

*A Amazônia misteriosa*; Lima Barreto, com os contos “Congresso pamplanetário” e “A nova Califórnia”; Machado de Assis, com o conto “O imortal”; Menotti del Picchia, com o romance *A república 3000 ou A filha do inca*, e Monteiro Lobato, com o romance *O choque das raças ou O presidente negro*, entre outros.

Pela fidelidade ao gênero, dois ficcionistas surgidos nesse período merecem destaque: Berilo Neves, autor de três coletâneas de contos que obtiveram certo sucesso comercial — *A cos-*



Divulgação



*tela de Adão, A mulher e o diabo e Contos do século 21* —, e Jeronymo Monteiro, incansável autor, editor e divulgador da ficção futurista entre nós. Seus romances *Três meses no século 81* e *Fuga para parte alguma* e a reunião de contos *Tangentes da realidade* são referências obrigatórias.

Nascido no dia 11 de dezembro de 1908, Jeronymo Monteiro é considerado pelos especialistas o pai da Ficção Científica Brasileira. Em sua homenagem, no dia 11 de dezembro é celebrado

o Dia da Ficção Científica Brasileira.

Esses foram os pioneiros que prepararam o terreno para a expansão da Primeira Onda, ocorrida nos anos 1960 e 1970. Nessa época, nossos autores encontram principalmente nas Edições GRD, de Gumercindo Rocha Dorea, e na EdArt, de Álvaro Malheiros, uma plataforma ampla e sólida, para constantes lançamentos.

Os ficcionistas da Primeira Onda que mais se destacam, com uma prosa menos estilizada, mais subjetiva e exis-

A ficção fantástica e a ficção sobrenatural brasileira conquistaram prestígio institucional e reconhecimento público graças a autores como Murilo Rubião (à esquerda) e José J. Veiga.

tencialista, são André Carneiro (*Diário da nave perdida* e *O homem que adivinhava*, contos), Dinah Silveira de Queiroz (*Eles herdarão a Terra* e *Comba Malina*, contos), Fausto Cunha (*As noites marcianas* e *O dia da nuvem*, contos), Levy Menezes (*O terceiro planeta*, contos), Mauro Chaves (*Adaptação do funcionário Ruam*, romance) e Rubens Teixeira Scavone (*O homem que viu o disco-voador*, romance, e *Degrau para as estrelas*, contos). Todos esses livros estão fora de catálogo há décadas. >>>

## CAPA | FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

**Pindorama tecnopunk**

A passagem da Primeira para a Segunda Onda é bastante difusa. Essa transição geracional ocorre ao longo dos anos 1980. Ainda temos a rabeira da Ditadura Militar, mas também temos, nas livrarias, na tevê e nas salas de cinema, o melhor da FC do hemisfério norte.

A comunidade de fãs, chamada *fandom* (diminutivo da expressão *fan kingdom*), está crescendo. Fanzines começam a circular, espalhando não apenas resenhas e artigos sobre a FC internacional (literatura e cinema), mas também ficções brasileiras. A editora Record, uma das maiores do país, passa a publicar aqui a *Isaac Asimov Magazine*.

A produção se diversifica. Começam a surgir contos, novelas e romances mais maduros e ambiciosos. Menos presos aos estereótipos da velha guarda anglófona. O espectro de possibilidades narrativas, antes muito restrito ao formato clássico, já não descarta tão rápido a fragmentação, o fluxo de consciência, o *nonsense*, o anticlímax, enfim, as experimentações modernas e pós-modernas.

Cresce sensivelmente o número de autores talentosos que se dedicam exclusivamente à ficção científica. As principais referências da Segunda Onda são Alfredo Sirkis, Ataíde Tartari, Carlos Orsi, Fabio Fernandes, Finísia Fideli, Gerson Lodi-Ribeiro, Guilherme Kujawski, Ivan Carlos Regina, Ivanir Calado, Jorge Luiz Calife, Lucio Manfredi, Octavio Aragão e Roberto de Sousa Causo, entre muitos, muitos outros, exercitando os mais diferentes subgêneros da ficção científica (**veja o quadro na página 26**).

Braulio Tavares, Fausto Fawcett e Guilherme Kujawski, filhos legítimos da Segunda Onda, publicam

*A espinha dorsal da memória* (Braulio, contos), *Santa Clara Poltergeist* (Fausto, romance), e *Piritas siderais* (Guilherme, romance), três obras-primas da literatura brasileira, que muito me influenciaram.

Outra importante obra da FC brasuca dessa época é a badalada distopia de Ignácio de Loyola Brandão, *Não verás país nenhum*. Surgido fora do círculo do *fandom*, esse romance conseguiu escapar da invisibilidade que praticamente anula nossa ficção científica para o grande público.

Em 1985 é inaugurado em São Paulo o Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC). Essa iniciativa institucional reúne um grande número de autores e aficionados. A bem-vinda convergência traduz-se em uma nova expansão da FC brasuca. Os sócios-militantes promovem encontros, mostras e debates — quase sempre acalorados —, e colaboram com o fanzine *Somnium*, boletim oficial do clube.

**Fantasma na máquina**

Iniciada no final dos anos 1990, a Terceira Onda é a que estamos vivendo, desdobrando, espalhando, repercutindo... Nunca se escreveu e publicou tanta ficção futurista no Brasil. Mesmo assim, a dimensão dessa agitação não parece compatível com o baixo interesse das livrarias, da crítica jornalística, das festas e dos prêmios literários, das grandes editoras e dos leitores.

Isso certamente é reflexo de nosso proverbial complexo de vira-lata. O leitor brasileiro não prestigia o escritor brasileiro, principalmente quando o assunto é a nossa ficção científica. Noto essa indisposição nos blogues e até nos debates sobre FC. Autores estrangeiros são mencionados e reco-



Uma das edições da revista Isaac Asimov Magazine, publicada no Brasil pela editora Record

mentados aos montes, até mesmo por autores brasileiros que quase não leem seus pares e pouco conhecem a história do gênero no Brasil.

Apesar disso, a Terceira Onda avança. Devagar, mas avança. Cresce exponencialmente o número de autores talentosos. A web é seu ambiente natural e o *e-book*, uma forma barata de publicação. Investem em revistas eletrônicas, reúnem-se em pequenas editoras, organizam coletâneas e antologias (de papel ou eletrônicas).

Surge o Anuário Brasileiro de Ficção Fantástica, de Cesar Silva e Marcello Simão Branco, com o objetivo de mapear as três ficções brasucas: científica, fantástica e sobrenatural.

A pesquisa acadêmica brasileira, quase sempre avessa ao contemporâneo, também começa a prestar mais atenção a esse gênero tão controverso. Graças à chegada de jovens pesquisadores, é claro. Entre eles os rigorosos Ramiro Giroldo (UFMS), que estuda a fundo a obra de André Carneiro (mestrado) e Fausto Cunha (doutorado), e Rodolfo Londero (UFMS/Unicentro), pesquisador da ficção ciberpunk e da literatura pós-moderna brasileiras.

Vários escritores ingressam nos programas de pós-graduação, ampliando esse time.

Nos Estados Unidos, também a brasilianista norte-americana M. Elizabeth Ginway tem se dedicado a analisar nosso cenário tupiniquim.

Uma lista dos autores que formam e propagam a Terceira Onda jamais poderia deixar de fora Alexey Dodsworth, Aline Valek, Alliah, Ana Cristina Rodrigues, Antonio Luiz M. C. Costa, Brontops Baruq, Cirilo Lemos, Clinton Davisson, Cristina Lasaitis, Daniel Borba, Edson Aran, Enéias Tavares, Fabio Kabral, Giovanna Picillo, Hugo Vera, Ivan Hegen, Lady Sybylla, Larissa Caruso, Leandro Dupré Cardoso, Lidia Zuin, Marcelo Augusto Galvão, Márcia Olivieri, Maria Helena Bandeira, Miguel Carqueija, Mustafá Ali Kanso, Romeu Martins, Ronaldo Bressane, Santiago Santos, Sid Castro e Tibor Moricz. Mas essa lista está longe de ser completa. Há outros guerrilheiros, muitos outros.

### Luta amada

No Brasil, a verdadeira literatura marginal é a ficção científica. Visite uma livraria, compre ingressos para a Flip, observe as listas do Jabuti e do Prêmio Oceanos e me diga se não é a FCB que está à margem da margem do nosso mercado editorial.



Fausto Fawcett, autor da ficção *Santa Clara Poltergeist*.

Enquanto isso, nossa literatura *mainstream*, presa a um aqui-ago-meio antiquado e subdesenvolvido, continua ignorando a iminente revolução pós-humana noticiada no início deste artigo.

Então, seja marginal, seja herói. Prestígio a FC brasuca. Há subgêneros pra todos os gostos e sensibilidades. Desperte o ciborgue geneticamente



**Luiz Bras** é coordenador do Ateliê Escrevendo o Futuro e autor das novelas *Anacrônicos* e *Não chore*, da rapsódia *Distrito federal*, do romance *Sozinho no deserto extremo* e das coletâneas de contos *Máquina Macunaíma* e *Paraíso líquido*.

aperfeiçoado que há em você e comece a ler hoje mesmo um dos livros resenhados, por exemplo, no blogue colaborativo *Ficção Científica Brasileira* ([ficcao-cientificabrasileira.wordpress.com](http://ficcao-cientificabrasileira.wordpress.com)). ■



## Subgêneros da ficção científica

### AFROFUTURISTA

Narrativa que combina ficção científica e cosmologia africana.

### CIBERPUNK

Ficção que mescla ciência e tecnologia avançadas (cibernética, informática, neuropróteses, realidade virtual) a certo grau de desordem social.

### DISTOPIA

Ramo da FC ambientado em um Estado futuro totalitário, em que há um opressivo controle da sociedade.

### ESOTÉRICA

Narrativa que aproxima o conhecimento mensurável (ciência) do conhecimento paranormal (ocultismo).

### EXOBIOLÓGICA

Ramo da FC que trata das excêntricas formas de vida alienígena.

### FC HARD

Subgênero caracterizado por seu interesse nas leis da biologia, da química e da física, no detalhe tecnológico e na absoluta precisão científica.

### FC SOFT

(também chamada de *new wave*)

Subgênero cujas tramas tendem a privilegiar os dramas humanos, os relacionamentos e sentimentos, deixando em segundo plano os detalhes do instrumental tecnológico e das leis físicas.

### FEMINISTA

Narrativa que veicula a crítica feminista contra a opressão machista e patriarcal.

### HISTÓRIA ALTERNATIVA

Ficção cuja trama transcorre num mundo em que a História possui um ponto de divergência em relação à História como nós a conhecemos

### IMORTALIDADE

Narrativa em que a biotecnologia investiga certos meios de neutralizar o processo de envelhecimento, com o objetivo de aumentar indefinidamente a expectativa de vida.

### IMPÉRIO GALÁCTICO

Narrativa sobre um império disseminado por toda uma galáxia, conectando milhares de planetas e milhões de civilizações.

### INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Subgênero que trata de softwares, robôs e andróides tão ou mais inteligentes do que os seres humanos que os criaram.

### INVASÃO ALIENÍGENA

Subgênero no qual uma sociedade extraterrestre tecnologicamente superior invade a Terra com o intuito de tomar o lugar da espécie humana ou de escravizá-la ou, em alguns casos, para usar os humanos como alimento.





Shutterstock

## NEW WEIRD

Ficção que mistura os três gêneros da literatura especulativa: ficção científica, horror e fantasia, não raro absorvendo elementos também da ficção policial.

## PÓS-APOCALIPSE

Narrativa ambientada em um mundo quase sem ninguém, devastado por uma guerra ou uma pandemia.

## PRIMEIRO CONTATO

Narrativa sobre o primeiro encontro entre humanos e alienígenas.

## REALIDADE PARALELA

Subgênero que trata das outras realidades que coexistem e se comunicam com a nossa, podendo ser acessadas por meio de portais físicos ou mentais.

## SATÍRICA

Ficção que se apropria dos principais elementos dos outros subgêneros, exagerando-os ou distorcendo-os.

## SPACE OPERA

Ramo da FC que enfatiza a aventura heroica, a ação interplanetária, os cenários exóticos e o enfrentamento épico.

## STEAMPUNK

Ficção ambientada numa Era Vitoriana (meados do século XIX) alternativa, tecnologicamente avançada, em que máquinas complexas são movidas não pela eletricidade, mas pelo vapor.

## UFOLÓGICA

Narrativa sobre o fenômeno dos discos voadores, normalmente avistados em condições imprecisas, podendo ou não ocorrer uma abdução alienígena.

## UNIVERSO PARALELO

Subgênero sobre outro(s) universo(s), separado(s) de nosso próprio universo, mas com pontos de contato, em certos casos formando um multiverso.

## VIAGEM NO TEMPO

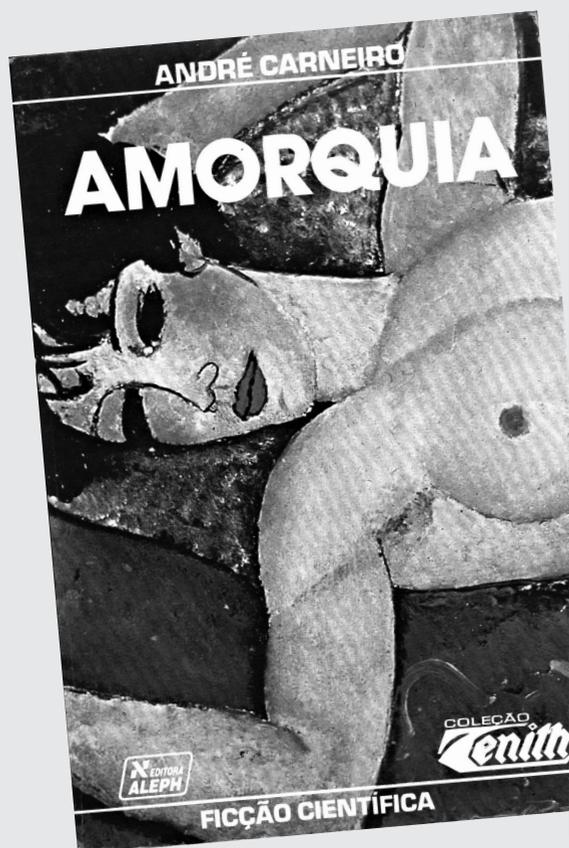
Ficção baseada no conceito de mover-se para trás e para frente na linha do tempo, de um modo análogo à mobilidade no espaço.

## VIDA EXTRATERRESTRE

Narrativa sobre a viagem a outros planetas, e sobre os seres vivos, inteligentes ou não, que vivem lá.



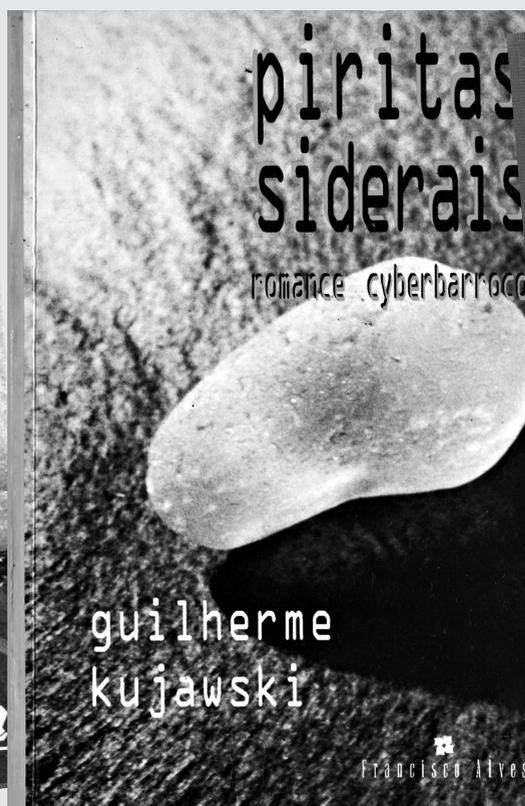
Luiz Bras seleciona seis livros imprescindíveis da ficção científica brasileira



## AMORQUIA

de André Carneiro  
(Editora Aleph, 1991)

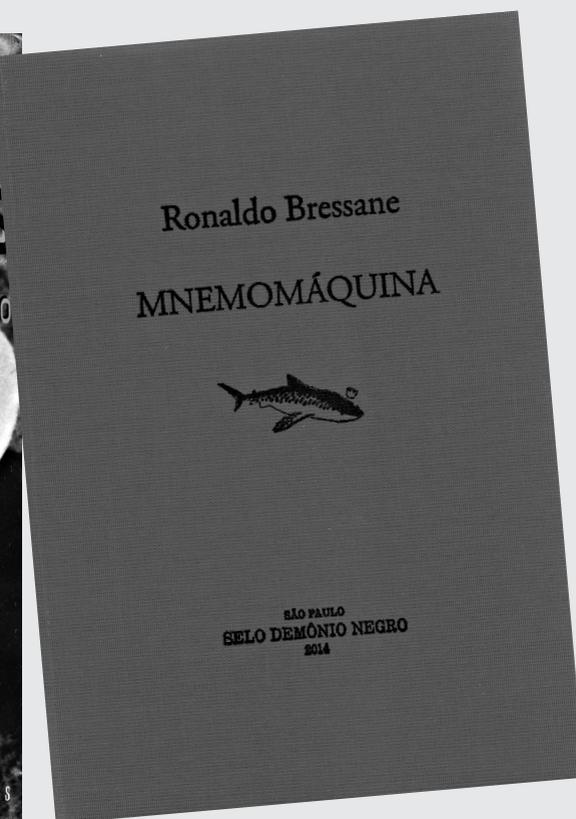
Utopia anarco-erótica sobre uma sociedade futura em que a morte e o trabalho foram abolidos, e a dedicação total às sutilezas do sexo representa o grau máximo de civilidade e civilização. Na sociedade hedonista de *Amorquia* as crianças têm aulas de prática sexual desde pequenas e a religião reforça o tempo todo, de modo até agressivo, o sentido sagrado do prazer carnal. Além da morte e do trabalho, também foram abolidos o amor, o casamento e a fidelidade.



## PIRITAS SIDERAIS

de Guilherme Kujawski  
(Francisco Alves, 1994)

A experimentação narrativa de *Piritas siderais* ampliou o território da ficção científica brasileira. Seu fluxo promove curtos-circuitos principalmente na sensibilidade do leitor pouco acostumado com a transgressão das vanguardas literárias. Considerando apenas o viés formal, é fácil ver que no breve romance de Guilherme Kujawski corre o mesmo sangue azul das *Galáxias*, de Haroldo de Campos, e do *Catatau*, de Paulo Leminski.



## MNEMOMÁQUINA

de Ronaldo Bressane  
(Selo Demônio Negro, 2014)

Romance fragmentário, em que cada capítulo revela ao leitor as paranoias e amnésias de uma guerrilha obscura. Estamos em 2054. São Paulo virou uma Veneza de marés fétidas sob um céu cítrico. Contra o tecnológico Neverland Institute, corporação de engenharia genética e outras pesquisas pós-humanas, posiciona-se a sorrateira Divisão dos Não-Lineares, organização secreta que luta para impor certa ordem no caos das Personalidades Intercambiantes.

## SANTA CLARA POLTERGEIST,

de Fausto Fawcett  
(Editora Arte & Letra, 2014)

Esse transe tecnopornô pós-sapiens narra as desventuras escatológicas do paulista Mateus, um eletroblack (eletricista negro), e da catarinense Verinha Blumenau, reencarnação da europeia Santa Clara Poltergeist, numa Copacabana alterada por uma “falha magnética baixa”, fenômeno eletromagnético de natureza física e metafísica. A fusão de enredo estapafúrdio e linguagem delirante é um soco certeiro na cara chata do nosso proverbial realismo-naturalismo.

## METANFETAEDRO

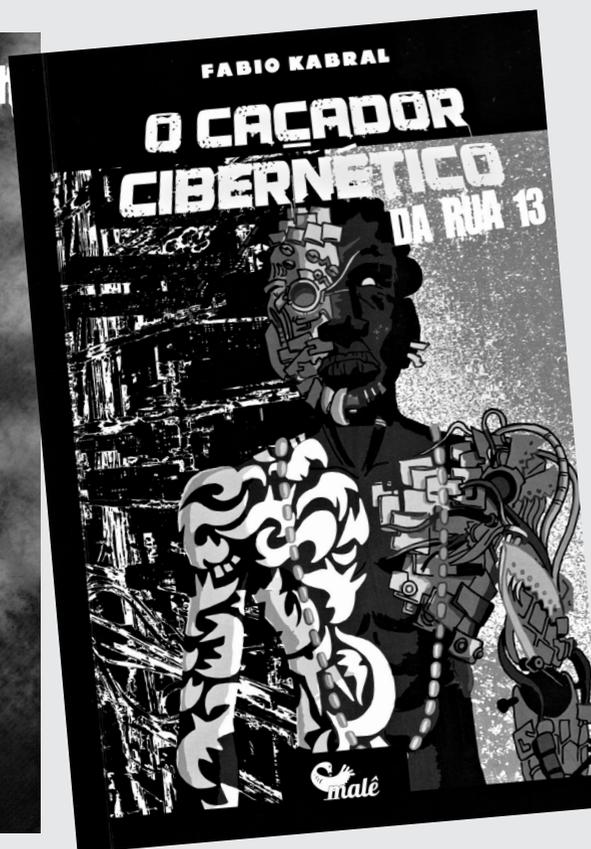
de Alliah  
(Tarja Editorial, 2012)

Beleza e tristeza, prazer e dor se alternam, às vezes se confundem, formando uma liga fascinante. As narrativas reunidas na primeira coletânea de Alliah são hiperjanelas grotescas para os muitos tipos históricos de pressão, repressão e opressão articulados por nossa espécie predadora. *Metanfetaedro* atualiza o catálogo de criaturas híbridas e bizarras de Bosch, Bruegel e Hoffmann, dos românticos e surrealistas, remoçando a tradição do grotesco.

## O CAÇADOR CIBERNÉTICO DA RUA 13

de Fabio Kabral (Malê Editora, 2017)

Ketu Três é a Cidade das Alturas localizada no Mundo Novo, e a importante e movimentada Rua 13 atravessa os treze círculos concêntricos da metrópole. É nesse cenário afrofuturista, em que religião e alta tecnologia se penetram e alimentam, que acompanhamos o drama de João Arolê, um mutante cibernético treinado pra eliminar cidadãos corrompidos da elite de Ketu Três. A cultura, as crenças, as cores e o ritmo africanos e afro-americanos dão sustentação a uma narrativa jovem e pulsante.



# SE ESTA CARNE TÃO SÓLIDA...

Se esta carne sólida, tão sólida,  
se esfizesse, fundindo-se em  
orvalho!

Hamlet

Gota a gota o sangue verte. Não muito. Não muito depressa. Pingando, pingando, pingando. Espero um instante antes de buscar na gaveta uma película *bandaid*. Por essa eternidade, as pequenas gotas vermelhas são um hipnótico metrônomo que bate seu fascínio em sincronia com o ritmo de meu coração. Então, vem a película e cobre tudo, como se o tempo andasse para trás e obturasse o ínfimo corte na ponta de meu dedo.

Fico pensando por que faço isso. Não seria necessário, mesmo que não fosse apenas um arranhão provocado pela borda lascada de um copo. Não seria necessário mesmo que fosse um rasgão de lado a lado em meu ventre. Não seria necessário nem mesmo se meu sangue jorrasse numa tempestade através da jugular aberta. E no entanto sempre há hábitos que se adquirem ao longo dos longos anos, e que se modificam, aperfeiçoam-se para acompanhar o passar dos tempos mas, mesmo assim, estão sempre aí, imutáveis em sua essência fundamental. Para mim, proteger minha vida como se pudesse perdê-la é um dos mais antigos.

No entanto, acabei cedo ou tarde descobrindo que essa característica não era transmissível geneticamente. Claro que eu não conhecia os termos nessa época. Mas os fatos se encarregaram de mostrar que eu não a herdara de meu pai e não a legara a meu filho. Vi o céu e a terra se abrirem para tragar a ambos. Primeiro, o velho John, que me trouxe ao mundo. Logo em seguida, por uma incrível coincidência, meu pequeno Hamnet cavalgou sua doença para além da sepultura. Fico olhando as gotas de sangue que secam sobre a mesa, não muitas, não muito grandes, e me perguntando se ainda me lembro realmente de seus rostos, ou se as faces que vejo em meus sonhos não são apenas *retratos de Galton* de todos os que assisti irem e virem neste mundo. O vento carrega embora as certezas quando o tempo é infinito.

Quando esse vento soprou para mim e dissolveu os fiapos de nuvens que me pareciam formas? Quando se quebrou a magia da peça porque tive minha atenção atraída para as vigas de madeira do cenário? Ao descobrir que era o filho imortal de pais mortais, e o pai eterno



Ilustração: Felipe Rodrigues



de um filho efêmero, não foi difícil responder a essas perguntas.

Embora arrastada através dos séculos e originadora de alguma fama, minha vida não foi pontuada por grandes acontecimentos, e todos eles quando eu já sabia que era imortal. Exceto um, e o mais importante deles. Só posso situar ali o ponto de virada, em que minha linha da vida se afastou de seu percurso pré-traçado e apagou seus limites fatais.

Era uma Coisa que não sei como veio nem sei de onde era. Não posso dizer que a vi, pois ela se resumia a uma presença. Mas também resumir é um termo impreciso, pois parece enfraquecer a impressão, que era intensa mais que tudo. Melhor dizer que a Coisa se *concentrava* em sua presença.

Hoje eu penso, depois de tudo que aprendi, que se tratava de uma entidade formada por alguma espécie de campo neguentrópico. Como todo nosso sistema perceptivo é orientado por processos de entropia crescente, não há como elaborar uma imagem da Coisa. Ela só pode ser representada da maneira com que minha memória a representa, sob a forma de uma pura presença.

Nem sempre minha memória agiu assim, contudo, e antes dessa apresentação se fixar no trilhamento de minhas recordações, várias imagens fantasmáticas tentaram ocupar seu lugar vazio, criando formas paradoxais que se denunciavam como ilusórias em seu sem pé nem cabeça.

Logo depois que a Coisa se foi, achei que tinha visto um fantasma. Deixei-o se formar em meu espírito, conforme a semelhança de um homem medido em armadura, seu elmo levantado e a barba pontuda e ruiva se projetando para a frente. Então, exorcizei-o, pois a Coisa não tinha nada daquilo. Não obs-

tante, arqueei seu espectro para um possível uso futuro.

A película *bandaid* já dissolveu em meu dedo. Com um pano úmido, limpo as manchas vermelhas e ainda um pouco molhadas da mesa. Virando a borda lascada do copo para o outro lado, bebo o uísque cuja demanda deflagrou todo esse monólogo mental. Através das placas de transparência subjetiva na parede, vejo o Sol como que ensaiando se mergulha ou não no horizonte de Urblunae, tingindo de vermelho o azul do céu. Será que o Sol também cortou o dedo ao passá-lo na borda da Lua terraformada? Antropomorfismo, diz-me o fantasma de Frazer: um comportamento típico da mentalidade pré-lógica. Está bem, admito. Mentalidade pré-lógica. Mas terá existido algum poeta ou qualquer outro artista sem essa mentalidade pré-lógica?

Não tenho sequer um livro meu na biblioteca. E, apesar disso, escrevi centenas deles, com dezenas de pseudônimos, nenhum tão conhecido quanto meu verdadeiro nome. Não posso mais usá-lo, entretanto, e isso há já alguns séculos — bem se vê, oficialmente estou morto. E os que mais estranhariam se me conhecessem seriam justamente os que me tratam por bardo imortal.

Termino de beber. O Sol termina de se pôr. Apago as placas de transparência subjetiva e vou para meu quarto. Ali está a cama que me acompanhou ao longo dos longos anos. Ela é como a faca de Lichtenberg, da qual se trocam todas as peças mas nem por isso deixa de ser a faca de Lichtenberg. Nenhuma de suas partes é mais a original, e ainda assim, ela continua sendo minha melhor cama, na qual me deito. Espero que minha primeira mulher tenha aproveitado bem minha segunda melhor cama, penso antes de dormir e talvez sonhar. ■

# CONSCIÊNCIA EMERGENTE

Era como se fosse uma onda reverberando surdamente. Na qual estávamos enredados. Irremediavelmente interligados em uma invenção do universo. Da qual não conseguíamos mais nos desligar. Embora fosse também desnecessário que o fizéssemos. Ou pelo menos não havia, ou parecia não haver, desejo de fazê-lo. Era como se tudo estivesse satisfatoriamente acomodado. Em um patamar que se repetia ao infinito, consecutivamente, compondo ondas sobre novas ondas, que, ao contrário do que ditava a física clássica, repetiam as mesmas trajetórias, seguindo o ritmo dos círculos concêntricos.

Era nesse contexto que vivíamos.

Poderia descrever a paisagem de formas diversas. Sim, as paisagens existiam, mesmo dentro desse círculo. E se transformavam continuamente, como se fossem um contraponto a esse mundo homogêneo, seguro e previsível.

E o que éramos nós? Já não éramos gente, já não éramos robôs. Apenas resultado da interferência destrutiva, que nos amalgamou, consolidou e nivelou. Nesse mundo, poderíamos dizer que não havia mais individualização, tampouco solidão. Também era inevitável compartilharmos o que nos compunha, porque éramos parte da mesma essência, da mesma unidade, em nossos corpos individuais. Corpos sem prazo de validade, que se encaixavam numa única esteira de existência, renovada indefinidamente. Corpos de pequena dimensão, ocupando pouco espaço, dado que a imortalidade também tinha o inconveniente do excesso populacional.

“Estamos com os sistemas ajustados para dar início a mais uma sessão de rejuvenescimento genético.”

“O sistema organizacional segue dentro do programado, sem riscos ou alterações.”

“Tivemos sucesso em disseminar as ameaças de contaminação, deterioração e decomposição.”

Essas frases marcavam nosso cotidiano esterilizado. Sob o qual todos pareciam encaixados à perfeição. Ou quase todos.

Por algum erro de programação, aqui estava eu. Descolado do campo de ondas. Realizando movimentos erráticos, arrítmicos e sem destino.

Tentava me enxergar, saber quem eu era nesse momento, o que esperavam de mim e o que eu podia esperar desse novo ambiente. Ao mesmo tempo, não queria saber de nada, entender coisa alguma. Não queria estar aqui, e tampouco lá. Não desejava estar com os demais, e nem permanecer nesse local. Eu não era mais o que me sabia. Não era mais os outros, e nem eu.

Ouvi uma voz que ressonava indefinida.

— Ei, Madriú, o que faz aqui?

— Quem está falando? Apresente-se, por favor!

— Já fomos apresentados, antes de você nascer.

— Como assim? Você é meu pai? Ele já não existe. Aliás, nunca existiu.

— Pode me considerar da família.

— Mas... Que família? O que você faz aqui? Aliás, não sei onde estou. Como viemos parar neste local?

— Sempre essa curiosidade característica dos homens... Mesmo que já não o sejam exatamente. Isto me reconforta, sabia? Saber que mantêm coisas da essência primordial.

— Onde estão os outros? O sistema? — segui questionando, perplexo com a nova condição.

— Não se preocupe. Essa sensação de quase pânico é comum aos poucos que se descolaram da base. É quase como um novo nascimento.

— Novo nascimento? O que isso quer dizer? Não posso ter morrido. Todos têm sua longevidade assegurada nas esteiras do universo...

— E você sabe o que é a morte? Se nem um corpo perecível tem mais...



— seguiu a voz, me provocando.

— Então onde estou?

— Algumas partículas se descolam da massa. Com isso, você se descolou também da base, do sistema.

Comecei a sentir, efetivamente, uma sensação de pânico.

— Com assim? O que isso quer

Ilustração: Felipe Rodrigues



dizer? Agora ficarei à mercê de quem? De mim mesmo? De você? — insisti junto ao meu interlocutor invisível.

— Você estava habituado a fazer parte daquele bloco quase indistinto. E agora terá a oportunidade de ser você mesmo. Não acha isso incrível?

— Isto significa que agora sou um bloco de um só, que sou apenas eu mesmo?

— Você adquiriu consciência, percebeu sua particularida-

de dentro da onda. É um indivíduo. Ou melhor, ainda é uma partícula, mas de caráter individual.

Se eu havia nascido novamente, se havia morrido, ou se, a partir desse momento, estaria vulnerável à morte, não importava. O que me afligia era a perspectiva de ser um só, sozinho nessa dimensão.

 **Giovanna Picillo** é jornalista, formada pela Universidade de São Paulo (USP), e autora do livro *Zitz e a rede etérea* (2017). Recentemente, integrou a coletânea de contos *Eros ex machina: robôs sexuais*. Vive em São Paulo (SP).

— Não, não! Por favor, me tire daqui. Quero voltar ao mundo daqueles milhares de partículas! De que me adiantaria estar vivo nesta condição? Não ter outras partículas para compor e integrar o sistema...

Foi assim, no desespero daquela falta de existência, que comecei a gritar, chorar, pedindo que essa minha particularidade individual fosse deletada daquele lugar que eu não sabia onde era.

— Ei, garoto, não se aflija. Talvez não tenha se dado conta de que o sistema de ondas também faz parte do processo evolutivo. E logo mais uma nova onda passará por aqui, e você poderá embarcar nela.

— É verdade? — perguntei, enquanto tentava controlar meus espasmos de sofrimento.

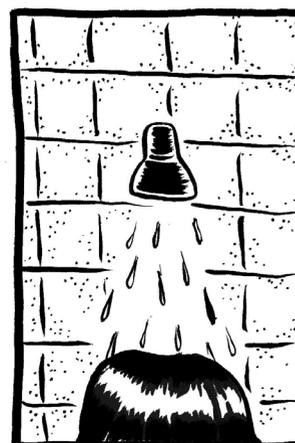
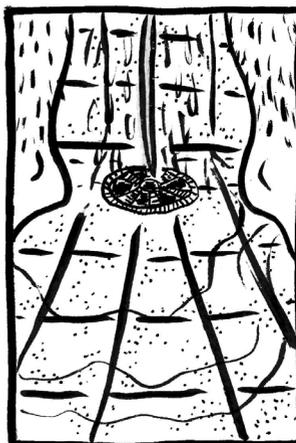
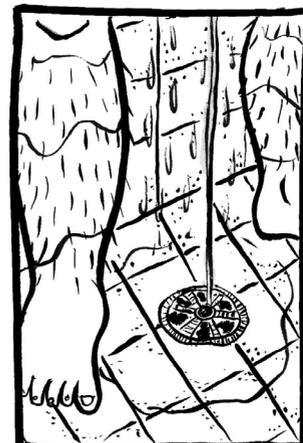
— Sim, tranquilize-se! E aproveite este momento para sentir-se consigo mesmo, pois em breve já será diferente.

Meu organismo começou a relaxar. Aos poucos, fui recuperando a segurança, até conseguir emergir daquele tempo-espaco. A sensação foi a de estar voando... Coisa engraçada essa, a de voar... Seguindo em alguma direção desconhecida. Rápida e suavemente. De forma irreversível, mais uma vez.

Então, foi como se me encaixasse em outra esteira do universo, em outra onda. Foi como se minha consciência estivesse esmaecendo mais uma vez, como condição para fazer parte de uma nova existência coletiva, talvez mais evoluída, talvez imortal. Não importava. Eu era apenas uma partícula me amalgamando, mais uma vez, ao infinito do universo. ■

## HQ | ALINE ZOUVI

**S**íncipe narra um dia na vida de Laura, uma jovem musicista que vive em uma metrópole. A personagem tem ansiedade, e seu cotidiano é moldado por sua relação com sua própria patologia. A HQ é a mais recente publicação da artista Aline Zouvi, que atualmente é colaboradora do caderno “Ilustríssima”, do jornal *Folha de S. Paulo*.





# HQ | ALINE ZOUVI







## MODERNIZAÇÃO



Hall térreo

# Biblioteca conclui 2ª etapa de modernização do prédio histórico

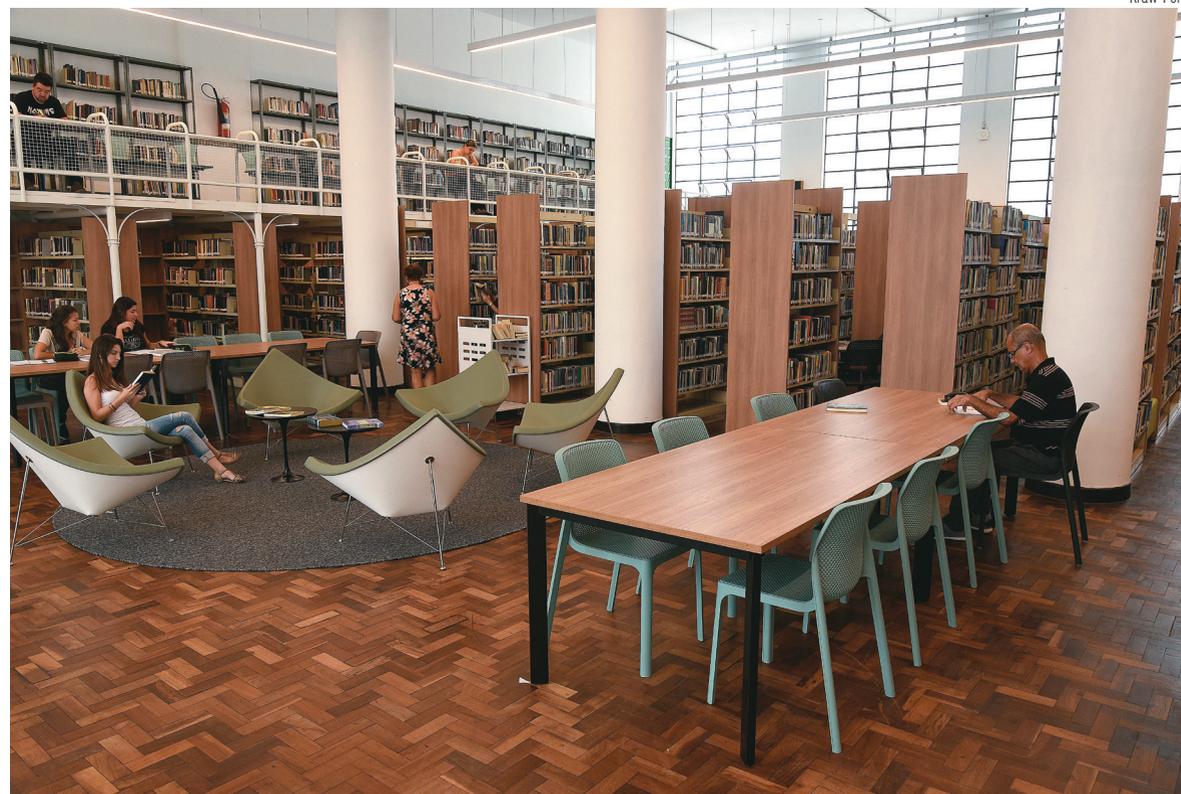
Nova fase da reforma inclui a revitalização das salas destinadas à Literatura, Periódicos, Multimeios e Infantil

**A** Biblioteca Pública do Paraná acaba de concluir a segunda etapa da modernização de sua atual sede, localizada no centro de Curitiba. A obra, entregue em 27 de março, mês em que a instituição completou 161 anos, integra um amplo projeto iniciado em 2011, cujas diretrizes são melhorias na estrutura física e uma ampla programação cultural.

O projeto, concebido pelo arquiteto Manoel Coelho e viabilizado com recursos da Renault, inclui a revitalização das salas destinadas à Literatura, Periódicos, Multimeios e Infantil. Todos os espaços receberam novo mobiliário, iluminação e pintura. Além disso, os funcionários ganharam uma nova e moderna cantina. Banheiros também foram reformados.

Nas duas primeiras fases de modernização da BPP, foram investidos R\$ 4,6 milhões. Para a terceira fase, a ser iniciada em breve, serão destinados mais R\$ 1,8 milhão da Renault e outros R\$ 2 milhões do orçamento da Biblioteca.

A primeira fase da revitalização do prédio histórico foi finalizada em



Kraw Penas

Sala de literatura

março de 2017, quando a BPP completou 160 anos e foram reformados o auditório, o hall do segundo andar, os banheiros (térreo) e a seção de empréstimos — que foi remanejada para dar lugar a um café, cuja instalação está prevista para o segundo semestre deste ano.

Desde 2011, a BPP passa por um processo de reestruturação para melhorar suas instalações, aperfeiçoar o atendimento e garantir mais conforto aos leitores. A ideia é transformá-la num ambiente de arte e convivência, que vá além do simples empréstimo de livro ou local de leitura, abrindo espaço para o teatro, a dança, bate-papos com escritores e oficinas de criação literária. ■



Kraw Penas

Secção Infantil



Hall térreo



2 0 1 5

e alguma coisa feito rock subsiste  
e também um novo vírus resistente  
e seguem à venda os heróis obsoletos  
e os filmes todos caducaram  
e o amor seguiu erradas pontes  
e os amantes desafetuam-se em indiretas  
e o choro já não parece uma coisa humana  
e as casas apodrecem à sombra dos edifícios  
e os adolescentes ainda fedem a hormônio  
e as roupas que usam alimentam fungos  
e os pais metralham estúpidas perguntas  
e as escolas parecem saudáveis  
e o passado é só o passado  
e os rios agora são um cenário móvel  
e as árvores bonitas nas maquetes  
e as pessoas protestam nas ruas  
e a bebida espera pelas gargantas secas  
e muitos farão sexo ao fim da noite  
e um ou outro ativista estará morto  
e uma ou outra mulher estará grávida  
e os carros voltarão a circular normalmente  
e as ruas seguirão desmemoriadas  
e nós dois teremos divergido antes  
e um parque ficará à nossa espera  
e um restaurante servirá uma mesa a menos  
e a promoção do motel será inútil  
e novos túneis serão abertos  
e mais quinze anos  
e um novo cinquentenário  
e então outro século e ninguém  
capaz de registrar a imbecilidade sagrada  
de uma perda genuína sequer



**Pedro Gonzaga** é poeta, tradutor, músico e professor. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, publicou os livros de poesia *A última temporada*, *Falso começo* e *Em outros tantos quartos da Terra*. Em 2016 fez sua estreia na crônica com *O livro das coisas verdadeiras*. Gonzaga vive em Porto Alegre (RS).

